

Departamento de Sociologia

**Redes de Sociabilidade e Entreatuda a Nível Local.
Levantamento de necessidades e potencialidades**

Sara Isabel Alves da Silva

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Família e Sociedade

Orientadora:
Doutora Inês Conceição Farinha Pereira, Professora Auxiliar Convidada
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2012

RESUMO

A dissertação que em seguida se apresenta reporta ao levantamento de necessidades e potencialidades das redes de sociabilidade e entreaajuda existentes nos bairros periféricos, neste caso será um bairro periférico da região de Lisboa e Setúbal.

Os objetivos principais do estudo são a compreensão e descrição de informações sociodemográficas do bairro e a caracterização das relações entre vizinhos. Pretende-se também diagnosticar os padrões relacionais e tipologias comunicacionais entre vizinhos, analisar o horário laboral e tempo despendido entre família/ vizinhos e identificar as diferentes atividades realizadas entre vizinhos.

Com o estudo é possível concluir que este bairro é constituído por dois bairros mais pequenos, uma vez que a comunicação e a relação entre os moradores não atravessam a barreira física que os separa. Pode-se concluir também a existência de um elevado número de moradores reformados, mas apesar disso a maioria da população encontra-se em idade ativa.

Palavras-chave: Sociabilidade, entreaajuda, bairro, vizinhos, redes sociais

ABSTRACT

This dissertation presents the reports to the survey of needs and potential of social networks and mutual support in existing suburbs, in this case is a suburb of Lisboa and Setúbal.

The main objectives of the study are the understanding and description of the neighborhood's socio-demographic information and characterization of relations between neighbors. It is also intended to diagnose relational patterns and types of communication between neighbors, to analyze the working hours and time spent between family/ neighbors, and identify the different activities between neighbors.

With this study it is concluded that the neighborhood is composed of two smaller neighborhoods, since the communication and relationship between the residents does not go through the physical barrier which separates them. Can also be concluded the existence of a large number of retired residents, yet the majority of the population is on working age.

Key word: Sociability, mutual support, neighborhood, neighbor, social network

ÍNDICE

	Páginas
RESUMO	ii
ABSTRACT	ii
ÍNDICE DE QUADROS.....	v
ÍNDICE DE FIGURAS	vii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – PRINCIPAIS CONTRIBUTOS TEÓRICOS	3
i. Comunidade e bairro. Diferentes ou semelhantes?	3
ii. Família, vizinhos e amigos.....	6
iii. Redes sociais e relações. Continuamente conectados aos indivíduos.....	8
CAPÍTULO II – MODELO DE ANÁLISE	13
i. Hipóteses	14
ii. Metodologia	15
iii. Plano de ações	15
iv. Técnicas de recolha de informação	16
v. Técnicas de recolha de informação	16
vi. Campo empírico de observação	17
CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS EMPÍRICOS	21
i. Informação sociodemográfica	21
ii. Anteriores residências	25
iii. Vizinhos	27
iv. Atividades praticadas com os vizinhos	30
v. Análise das redes sociais	32
CONCLUSÕES.....	35
BIBLIOGRAFIA.....	39
ANEXOS.....	I
ANEXO A – Questionário de Reconhecimento.....	I
ANEXO B – Base de Dados do SPSS.....	V
ANEXO C – Análises Complementares	XI
ANEXO D – Curriculum Vitae	XIV

ÍNDICE DE QUADROS

	Páginas
Quadro 1.2 – Demonstração das variáveis mais complexas do estudo	13
Quadro 2.2 – Número de total Edifícios e Alojamentos no Bairro da Fonte	17
Quadro 3.2 – Número de total Famílias no Bairro da Fonte	18
Quadro 4.2 – Número total da População Residente no Bairro da Fonte	18

ÍNDICE DE FIGURAS

	Páginas
Figura 1.3 – Representação do ano de nascimento dos moradores do bairro da Fonte	21
Figura 2.3 – Comparação entre situação laboral e número de horas de trabalho.....	22
Figura 3.3 – Composição dos agregados familiares.....	24
Figura 4.3 – Representação do número de anos passados na atual residência.....	25
Figura 5.3 – Comparação entre o número de vizinhos conhecidos e os vizinhos conhecidos pessoalmente	27
Figura 6.3 – Representação das relações entre os moradores	29
Figura 7.3 – Representação de tarefas realizadas pelos moradores de forma gratuita.....	30
Figura 8.3 – Atividades praticadas entre vizinhos	31
Figura 9.3 – Esquema da matriz.....	33
Figura 1.4 – Comparação da frequência de contacto entre família e vizinhos.....	36

INTRODUÇÃO

Este estudo constitui um levantamento de necessidades e potencialidades das redes de sociabilidade e entreaajuda existentes nos bairros periféricos, neste caso será um bairro periférico da região de Lisboa e Setúbal.

As redes de sociabilidade tornam-se relevantes para a sociedade na medida em que constituem os laços de ajuda informal primária dos indivíduos e suas famílias. São os vizinhos, além da família – se esta existe – quem de mais perto conhece os indivíduos e prontamente lhes pode prestar auxílio quando dele se carece. Cada vez mais a vizinhança é constituída por grupos de pares, com os quais se estabelecem relações intergeracionais, constituindo um importante fator onde podem assentar as redes primárias de entreaajuda. São também estas redes que tendem a integrar estrangeiros ou imigrantes, cujas atividades e formas de inserção profissional podem constituir um recurso para assegurar aos mais idosos ou dependentes serviços que necessitem.

Segundo Bulmer (BULMER, 1986:25) todo e cada individuo tem vizinhos com os quais estabelecerá relações sociais de vizinhança. Já segundo António Fragoso (FRAGOSO, s.a:13) a mudança social é a base da intervenção local, e sem a participação dos vários intervenientes não é possível. Daí que para haver qualquer mudança nos sentimentos e relações entre os moradores, é necessário que todos tenham um papel ativo e participativo. Isto serve não só para este trabalho de levantamento de necessidades e potencialidades, mas também para trabalhos futuros que pretendam promover e potenciar estas redes.

O estudo tem como finalidade a compreensão e caracterização das redes de sociabilidade e entreaajuda do bairro da Fonte, situado no distrito de Lisboa, concelho de Cascais, freguesia de São Domingos de Rana, Caparide. Quanto aos objetivos gerais do estudo, estes reportam à compreensão e descrição de informações sociodemográficas do bairro e à caracterização das relações entre vizinhos.

Os objetivos específicos do estudo relacionam-se com o diagnóstico dos padrões relacionais e tipologias comunicacionais entre vizinhos, com a análise entre horário laboral e tempo despendido entre família/ vizinhos e identificar as diferentes atividades realizadas entre vizinhos.

Relativamente à metodologia utilizada esta será quantitativa, operacionalizada e medida através de alguns instrumentos, como o inquérito por questionário. O modelo que complementarà a metodologia adotada será o de estudo de campo, possibilitando apurar os

dados com bastante profundidade e intensidade, permitindo uma vasta utilização de instrumentos que se complementam e enriquecem o estudo da realidade.

Esta dissertação encontra-se dividida em três capítulos. O primeiro reporta aos principais contributos teóricos de autores que escreveram e são especialistas nesta área das redes sociais e de sociabilidades.

O segundo capítulo aborda a questão do modelo de análise, onde são descritas as hipóteses do estudo, a metodologia e métodos utilizados, o campo empírico e as variáveis identificadas, assim como explicita o plano de ação e as técnicas utilizadas para recolha e análise dos dados.

O terceiro capítulo corresponde à análise dos dados recolhidos, dividindo-se em cinco subcapítulos, sendo que o primeiro é relativo à informação sociodemográfica dos inquiridos, abordando questões como o ano de nascimento ou o estado civil. O segundo subcapítulo reporta a anteriores residências dos moradores, questionando sobre se sempre residiu naquela residência do bairro ou quantos vizinhos conhecia numa anterior residência. O terceiro subcapítulo caracteriza os vizinhos, questionando os inquiridos sobre o número de vizinhos que conhece pessoalmente e como relacionam e comunicam. O quarto subcapítulo está relacionado com as atividades praticadas com os vizinhos, questionando sobre a tipologias de atividades que os inquiridos praticam com os vizinhos e com que frequência e onde. O último subcapítulo reporta à análise das redes sociais, onde são analisados alguns indicadores relativos ao critério de seleção de relações amigáveis com os vizinhos e um contacto semanal de pelo menos três vezes.

Posteriormente aos três capítulos são descritas as conclusões do estudo, abordando se as hipóteses e os objetivos foram comprovados e cumpridos, se a revisão bibliográfica se adequou aos dados recolhidos e analisados. São também mencionadas algumas dificuldades de planificação e execução e ainda são descritas algumas sugestões de continuação para futuros trabalhos de projeto.

CAPÍTULO I – PRINCIPAIS CONTRIBUTOS TEÓRICOS

i. Comunidade e bairro. Diferentes ou semelhantes?

É do conhecimento geral que no século XIX surgiu uma enorme expansão das sociedades, devido principalmente ao rápido desenvolvimento das pequenas cidades e aldeias em centros industriais altamente competitivos, pelo que os bairros já existentes se viram inundados de indivíduos e famílias estranhas, quebrando os laços já existentes. Assim os grandes suportes das famílias e indivíduos passaram a ser o governo e as instituições próximas (WELLMAN, 2009:3).

Este rápido desenvolvimento pode ser analisado em três fases distintas, segundo Wellman (WELLMAN, 2009:4). A primeira, denominada de «pequenas caixas», surge com o aparecimento do telefone, que permitiu aos indivíduos de certas classes não sair de casa e mesmo assim conseguir comunicar com os seus amigos e familiares, mantendo um contacto com o exterior. Na segunda fase, apelidada de «globalização», surge a liberalização dos telefones, carros e aviões ao povo, o que veio contribuir para uma forma mais comoda de deslocação e facilidade de comunicação. A última fase é marcada pelas «redes pessoais» e pelo surgimento da internet e dos telemóveis, contribuindo para um tipo de comunicação muito mais pessoal entre os indivíduos e de muito mais rápido e fácil acesso.

Apesar disso alguns autores citados (WELLMAN, 2009:5) parecem ter opiniões contraditórias quanto a esta evolução das comunidades. Uns defendem que o facto de cada indivíduo ter atualmente um telemóvel o torna contactável a toda a hora e em todos os locais, já outros defendem que as relações cara-a-cara são muito mais flexíveis nas relações sociais e nos horários de trabalho.

Wellman (WELLMAN, 2001:7) afirma na sua obra que comunidade é um conceito muito complexo que pode abarcar diversas conotações, e segundo Hillery (Cit. In WELLMAN, 1979:365) a definição de comunidade corresponde a redes de laços pessoais que providenciam sociabilidade e suporte informal aos membros que residem num local comum.

A comparação entre comunidade e bairro originou o conceito de «comunidade de vizinhança». Esta definição associa-se ao que atualmente se considera um bairro, uma pequena comunidade onde todas as pessoas se conhecem e partilham experiências e informações entre si. Associado ao conceito de comunidade de vizinhança está também o conceito de «rede de capital» (WELLMAN, 2007:1), que corresponde ao conjunto de

indivíduos a quem se recorre quando se necessita de apoio ou suporte e que simultaneamente estão disponíveis para tal tarefa.

Wellman (WELLMAN, 2009:4) afirma ainda, como forma complementar destes conceitos de bairro e comunidade de vizinhança, que, segundo cientistas de diversas áreas, estes são locais ricos em contacto social, uma vez que existem relações de amizade, vizinhança e parentesco entre os indivíduos.

Nos anos 70 do século XX surgem grandes debates sobre se estas comunidades se teriam perdido ou salvo desde a Revolução Industrial. Desde os anos 60 que se julgavam perdidas as comunidades, mas apesar disso os bairros continuaram a funcionar. Estudos sobre etnografia e técnicas de pesquisa provaram que as relações de vizinhança e de entreajuda continuaram a existir abundantes e fortes (WELLMAN, 2001:10).

Wellman (WELLMAN, 2001:11) chega então à conclusão de que apesar de as comunidades se terem transformado em resposta a pressões ambientais e sociais, oportunidades e obstáculos, não se dissiparam, onde os princípios de entreajuda e suporte continuam a ser praticados.

O mesmo autor (WELLMAN, 2001:11) afirma que os laços de vizinhança continuam a ser importantes, mas frequentemente como uma minoria de relações em redes pessoais. Apesar disso, são mais frequentemente acessíveis, devido à proximidade geográfica, não dispensando a comunicação presencial, por telefone e ainda através da internet. Daí que o companheirismo, o suporte informal de ajuda e a segurança estejam em muito associados aos bairros mais periféricos ou rurais.

Apesar de não estar diretamente relacionado, importa referir a ação da *European Neighbourhood Policy*¹ (ENP) criadas em 2004, para português traduzido como políticas de vizinhança europeia. Estas políticas surgem com o objetivo de evitar divisões entre a União Europeia alargada e os países a sul e a leste, fortalecendo entre si a prosperidade, estabilidade e segurança. Criam ainda com os seus vizinhos uma relação distinta, baseada num pacto mútuo de valores que lhes são comuns (entre eles, democracia e direitos humanos, Estado de direito, princípios da economia de mercado e desenvolvimento sustentável). O que importa reter e analisar é a semelhança destas políticas com o tema deste estudo, em que a União Europeia atua como o bairro, com as suas relações de vizinhança, caracterizadas pelas políticas de vizinhança, que proporcionam entre os moradores um sentimento de proteção,

¹ http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page/portal/european_neighbourhood_policy/introduction, recuperado a 20/12/11.

equilíbrio e desenvolvimento, para além de propiciar conexões pessoais e coletivas, igualdade e oportunidades entre si.

Prates (PRATES, 2009:1121) vem aprofundar o conceito de rede de capital abordado no início do capítulo, referenciando o conceito de capital social, que se relaciona com o fechamento das relações dentro do próprio grupo, também considerados laços fortes.

Também Wendy Stone (STONE, 2000a:4) vem aprofundar o conceito de capital social, afirmando que este conceito consiste em redes sociais de relações baseadas em normas de confiança e reciprocidade.

Wendy (STONE, 2000b:9) refere que a essência do capital social é a qualidade das relações sociais e dos relacionamentos entre os diversos indivíduos que compõem uma rede, sendo entendida através do uso deste conceito, que potencia a capacidade das pessoas para resolver o seu problema comum em conjunto, com o principal objetivo de obter um determinado benefício com a situação. Segundo Coleman, Putnam e Bourdieu (Cit. In STONE, 2000a:4) o capital social pode ainda significar um recurso de ação coletiva para a obtenção de diversas supremacias. Pode então concluir-se que é com o capital social que as famílias, indivíduos e comunidades conseguem resolver positivamente os seus diversos problemas.

Refere a autora que existem dois indicadores utilizados na pesquisa do capital social, classificados em grupos «proximais», quando estão relacionados com relações de confiança e reciprocidade, e «distais», quando não estão diretamente interligados com os seus componentes.

Refere também que as redes sociais são os elementos estruturais do capital social, uma vez que em muito se relaciona com os aspetos da sociologia clássica e da antropologia necessários para entender o capital social (STONE, 2000a:6). O conteúdo das redes no capital social às normas de reciprocidade e confiança que operam nas suas estruturas.

A autora faz uma breve referência a Putnam (Cit. In STONE, 2000a: 7) e à sua distinção entre laços formais e informais, um pouco semelhante à que Bulmer fez a meio do capítulo. Nos laços formais incluem as instituições e similares e nos laços informais são incluídos a família, os amigos e os vizinhos. No seu estudo, Putnam (Cit. In STONE, 2000a:11) faz também a distinção entre redes suscetíveis de apoio de capital social, pelo que identificou as redes de vizinhança como promoção do capital social.

A autora (WENDY, 2000b:8) refere nos seus trabalhos a situação australiana, complementando com a ideia de que laços familiares fortes e comunidades coesas são fáceis de medir, utilizando alguns indicadores de pesquisa ou através de algumas políticas sociais. Mas tanto os laços familiares fortes e as comunidades coesas podem sofrer alterações, através,

por exemplo, da desigualdade económica, crimes violentos e mortes, taxas de mortalidade elevadas e reduzidos recursos à saúde. A autora exemplifica ainda que se podem usar baixos índices de criminalidade dentro de uma comunidade como uma medida de coesão social e de solidariedade nos bairros, assim como elevados níveis de criminalidade, como uma medida de fragmentação social, podem representar um indicativo de desigualdade. O emprego pode indicar coesão social e prosperidade e o desemprego pode indicar fragmentação ou marginalização.

ii. Família, vizinhos e amigos

Bulmer (BULMER, 1986:3) começa por referir que todo e qualquer indivíduo tem vizinhos, por mais isolado que esteja, e que as relações sociais entre eles são uma forma social de troca, pois um indivíduo pode passar a vida sem amigos, mas não o pode fazer sem vizinhos.

Afirma, que sobretudo os idosos são quem mais necessita desta ajuda informal de forma a manter um estilo de vida independente. E com o aumento do número dos muito idosos estas redes adquirem um papel ainda mais importante (BULMER, 1986:3).

Faz a distinção entre apoio formal e informal (BULMER, 1986:4). O apoio formal caracteriza-se quando a assistência é prestada no âmbito de agências burocraticamente estruturadas. Está relacionado com tarefas que são desempenhadas por profissionais. Já o apoio informal é prestado por ligações de afeto. Ao contrário da formal, não está ligada a nenhuma tarefa de carácter obrigatório. Não tem a ver com um trabalho remunerado mas com uma prestação afetiva. Na maioria dos casos a família é o principal prestador de apoio. Mas também os amigos e vizinhos desempenham papéis de relevo. Tal como afirma Elaine (TEIXEIRA, 2005:103) a família é quem mais presta auxílio, a todas as faixas etárias, em termos financeiros, psicológicos e relacionais. Sallas (Cit. In TEIXEIRA, 2005:103) afirma que os jovens, no caso do seu estudo, confiam muito mais na família que noutras instituições e organismos, no que toca à prestação de apoio, uma vez que exercem uma maior influência nas suas vidas.

Nos estudos de Bulmer surgem teorias que tentam explicar a vizinhança, em termos de proximidade, necessidade e reciprocidade, por parte de quem precisa e de quem ajuda. Explica também as consideradas bases dos prestadores de cuidados ativos, sendo elas a tradição, transmitindo-se de geração em geração, o *status*, no aumento da autoestima dos envolventes, a reciprocidade e o altruísmo, na aceitação de um apoio sem custos envolvidos (BULMER, 1986:9).

Os estudos com este tema são considerados difíceis, uma vez que cada indivíduo constrói os seus próprios conceitos, relacionados com as suas experiências pessoais e sociais (BULMER, 1986:17).

Bulmer (BULMER, 1986:21) faz a distinção entre:

- Vizinhos → Pessoas que moram perto de outras.
- Bairro → Delimitação espacial onde moram vizinhos.
- Vizinhança → Relação positiva construída entre vizinhos, numa espécie de amizade.

Em que situações uma pessoa recorre a um vizinho, em vez de familiares, amigos, instituições ou voluntários? Afirma (BULMER, 1986:30) que para uns autores está relacionado com a rapidez de acesso, porque moram mais perto. Depois porque podem-se encontrar nas mesmas situações, morando perto. E por fim, porque muitas situações envolvem comunicação e experiências diárias. Situações que implicam a comunicação e atividades de observação diária contribuem com modos de ajuda entre vizinhos (cuidar de crianças e idosos).

Refere Michael (ALGYLE, 1994:66) que em todas as classes sociais existem relações de amizade e vizinhança, apesar de variarem na sua extensão e concepções. Explica que os indivíduos da classe média têm um número mais vasto de amigos, mas em comparação a classe operária o número é menor, mas moram mais perto deles e relacionam-se com mais frequência. Apesar disso, em termos de suporte prestado, os indivíduos da classe operária, dependem muito mais de parentes que de amigos ou vizinhos.

O autor coloca a questão, «terá a amizade diferentes significados para as diferentes classes?». Allan (Cit. In ARGYLE, 1994:67) refere que a classe operária possuía poucos amigos, relacionando-se mais com familiares próximos, vizinhos, colegas de trabalho e companheiros dos bares e clubes. Alguns estudos feitos por este autor e outros demonstraram que em média, indivíduos das diversas classes sociais estão com pelo menos 3 amigos por semana. Os operários como demonstraram ter menos amigos, vêm-nos com muito mais frequência.

«Mas onde se encontram?» Segundo Allan (Cit. In ARGYLE, 1994:68) a classe operária encontra os seus amigos em bares, clubes e lugares similares, e poucas ou nenhuma vez em suas casas. Já a classe média costuma encontrar os seus amigos em grupos e locais de lazer, assim como frequentemente nas suas casas. Isto porque, normalmente, as classes médias têm melhores habitações que as classes mais baixas.

Willmott (Cit. In ARGYLE, 1994:68) registou que 73% dos casais da classe média partilhavam amigos em comparação aos 48% da classe operária e 9% dos casais de classe média têm amigos diferentes, já os casais da classe operária na mesma situação representam 40%. Relativamente às classes dos amigos, é comum pertencerem às mesmas classes,

representando 61% nos estudos de Willmott (Cit. In ARGYLE, 1994:69). A explicação a este fenómeno tem vindo a manter-se desde os tempos. Tendemos a escolher amigos com atitudes similares às nossas, assim como idades, composição familiar ou interesses de lazer. São os amigos frequentemente associados ao suporte social e assistência, assim como ao apoio emocional. Os seus resultados mostram que na classe média é mais frequente recorrer aos amigos quando é necessário o suporte social enquanto os operários recorrem mais frequentemente aos familiares. Segundo Veroff (Cit. In ARGYLE, 1994:69) o suporte social por parte dos amigos é benéfico para a saúde mental dos indivíduos, pois são relações em que preocupações e stresses não interferem.

Uma pesquisa psicológica mostrou que a proximidade e frequência das interações são a base para uma atração interpessoal. Também a similaridade de atitudes, valores, interesses e estilos de vida, mais visível na classe média, e a proximidade geográfica, no caso mais dos operadores, se mostra fomentadora de amizade. Isto porque as amizades dos operários situam-se a uma média de 10 minutos de distância das suas casas, enquanto nos indivíduos das classes médias, essa diferença aumenta para uma hora de distância (ARGYLE, 1994:70).

Willmott (Cit. In ARGYLE, 1994:70), com uma amostra de 132 famílias com filhos de duas áreas distintas de Londres, chegou à conclusão, relativamente à classe operária, que os indivíduos consideram vizinhos as pessoas que moram ao lado ou até uma distância de dez casas, a classe média considera vizinhos indivíduos pessoas que morem na mesma rua. Torna-se então complicado distinguir amizade de vizinhança, uma vez que para a classe operária significa o mesmo. Em todas as classes o número de pessoas consideradas vizinhas varia, mas em média existe um contacto frequente com 6 ou 7 pessoas (ARGYLE, 1994:71).

Os bairros da classe operária eram caracterizados pela solidariedade, mexericos, ajuda mútua e reciprocidade, especialmente em épocas de crises. Diariamente os vizinhos juntam-se para conversar e partilhar as suas casas. Nos bairros da classe média as relações são mais formais, existe uma maior privacidade e uma menor entreatajuda, pelo que existe um diminuto contacto semanal. Pode então dizer-se que a classe operária tem um maior conhecimento relativo aos seus vizinhos que a classe média, que o dedica aos seus amigos (ARGYLE, 1994:71).

iii. Redes sociais e relações. Continuamente conectados aos indivíduos

Afirma António Fragoso que Galaskiewicz e Wasserman (Cit. In FRAGOSO s.a:14) realizaram muitos trabalhos de investigação sobre redes sociais nos anos 40 e 50 do século XX, mas foi a partir dos anos 70 que começaram a aumentar exponencialmente estes estudos,

devido ao facto da possibilidade de estudar, não só os próprios atores sociais, mas também as relações que entre eles se estabelecem.

Wasserman e Faust (Cit. In FRAGOSO, s.a:14) falam de alguns pressupostos a ter em conta quando se estudam as redes sociais. Os atores sociais devem ser vistos nas suas relações de solidariedade como seres independentes e não como unidades autónomas, as suas relações implicam canais para a transferência ou corrimentos de recursos diversos, como por exemplo informação, comunicação ou amizade, o ambiente envolvente da rede pode criar oportunidades ou, pelo contrário, constrangimentos à ação, e a investigação centrada sobre redes sociais conceptualiza a estrutura como padrões de relação entre os mais distintos atores sociais, que neste caso corresponderão aos moradores de um bairro periférico de Lisboa.

No seguimento deste pensamento de que os atores sociais devem ser encarados como seres independentes, onde Wellman (WELLMAN, 2007:1) vem afirmar que é importante estudar também indivíduos que constam nas redes pessoais destes atores, analisando o laço e a relação que os une, família ou amigos, a frequência com que se vêem, se os laços que partilham são fortes ou fracos, e os diferentes recursos que possuem. Estes são grupos geralmente entre 2 e 30 pessoas.

António Fragoso (FRAGOSO, s.a:14) afirma que estes estudos sociais em comunidades se baseiam em sentimentos de pertença e partilha de objetivos e finalidades por parte dos indivíduos, mas chama a atenção para o facto de que nestas situações nunca se deve esquecer ou ignorar o meio e as variáveis externas que envolvem a comunidade.

Desde os anos 70 do século XX que os psicólogos comunitários, segundo António Fragoso (FRAGOSO, s.a:15), utilizam o termo apoio social para se referir a relações estabelecidas no contexto de uma rede comunitária. Inicialmente era como que um recurso disponível por uma rede de amigos, vizinhos ou familiares, que prestavam auxílio em problemas quotidianos, mas após uma perspetiva mais global, tentam-se conhecer os fatores que influenciam este apoio social disponível aos indivíduos que se encontram no interior da rede.

Para Walker (Cit. In FRAGOSO, s.a:15) existem dois sentidos relacionados de rede, apontados nas investigações realizadas. Quanto maior é a rede, maior é o número de membros da mesma que fornecem aos restantes ajuda emocional, bens e serviços, e quanto maior for a rede, maior será a percentagem de membros que recebe apoio social. Assim sendo, as pessoas inseridas em redes de maior dimensão ganham das duas maneiras.

Para Paul DiMaggio (Cit. In LOPES, 1998:186) deve-se analisar o mundo da cultura como um sistema relacional de comunicação interativa e de mobilização coletiva, uma vez que os indivíduos utilizam a cultura como forma de contacto entre si, pois a cultura é fonte de

sociabilidade, transformando os interesses comuns em «conversa sociável». Como tema de conversa, tem a particularidade de aproximar ou afastar os indivíduos, formando círculos de sociabilidade, o que facilita a mobilidade social.

Afirma também que as camadas sociais com redes de sociabilidade mais extensas são quem possui reportórios culturais mais vastos. O contrário também surge, quando determinados grupos têm redes de sociabilidade mais reduzidas, pois apenas se centram em práticas domésticas privadas (LOPES, 1998:187).

Segundo o autor Vincent Lemieux (2008:12) em toda a análise estrutural podem-se identificar relações amigáveis ou positivas e relações hostis ou negativas, constituindo um dos aspetos fulcrais neste estudo, na medida em que se pretendem analisar como se caracterizam os padrões de relacionamento e quais os procedimentos que se poderão realizar para a sua transformação em aspetos positivos. Esta análise estrutural preocupa-se com a forma estável e ou evolutiva das relações dos atores sociais.

Burt (Cit. In LEMIEUX, 2008:12) elabora a teoria dos «buracos estruturais», que consiste na relação estabelecida por dois atores. Surgem também autores que introduzem o conceito de «grupabilidade», composto por relações positivas num momento de partida e de chegada. Este conceito não se aplica às relações negativas, embora estas relações contribuam para a criação da grupabilidade.

O autor (LEMIEUX, 2008:17) refere também que existem relações orientadas, baseadas na transmissão mútua, e relações não orientadas, onde existem mensagens unilaterais e relações sem orientação.

O conceito de «densidade» surge como sendo a razão entre as reações existentes e as relações possíveis, constituindo um valor apenas possível entre 0 e 1. Aplicando isto de forma mais prática ao estudo, no bairro que se irá estudar poderão existir tanto relações orientadas como não orientadas, reportando ao investigador estudar cada relação e calcular a densidade das suas relações, pelo que no final do estudo se espera uma densidade de relações orientadas superior a 0,75. Como afirma Scott (Cit. In LEMIEUX, 2008:21) a densidade é um conceito intrinsecamente relacionado com o número de atores, pelo que quanto maior for esse número maior será a densidade.

Existem diversos tipos de conexões, que determinam os caminhos e cadeias de relações entre atores. A «não conexividade ou desintegrada» surge quando os atores são isolados ou não se verifica relações. Na «conectividade quase forte ou hierárquica» existe um ator dominante, não existindo uniconexões em ambos os sentidos. Na «conectividade semiforte ou estratificada» existe também um ator dominante e pelo menos uma conexão num sentido. A

«conectividade forte ou colegial» é constituída por todos os atores dominantes e todas as relações são orientadas (LEMIEUX, 2008:23).

Segundo Cássio Martinho (MARTINHO, 2011:27) as redes sociais são redes de conexões indeterminadas, uma vez que são produzidas por pessoas com outras pessoas e são variáveis, porque hoje existe um laço positivo entre duas pessoas e amanhã já poderá ser um laço negativo. As redes estão em constante alteração e transformação, pois é um processo complexo que acompanha o ciclo de vida dos indivíduos e as suas relações. Para o autor, as redes são o modelo de um conjunto de processos dinâmicos de construção e disseminação de fluxos sociais baseados em relações, onde na rede tudo é social, os nós são pessoas, as conexões são relações sociais e os fluxos são os produtos sociais resultantes dessas relações.

Relativamente à posição dos atores (LEMIEUX, 2008:24), é «dominante» quando existe uma conexão com cada um dos outros atores e é «dominado» quando não emite uma uniconexão com outro ator. Um ator é «semidominante» quando existe uma biconexão entre diversos atores, «subdominante» quando ocupa o lugar do ator dominante, não existindo este, estabelecendo uniconexões com os vários atores e é «subdominado» o ator que não emite nenhuma relação, mas recebe de outros. O ator «isolado» é aquele que não emite nem recebe conexões dos restantes atores.

Os atores sociais podem também ser caracterizados quanto à sua centralidade. Segundo Freeman (Cit. In LEMIEUX, 2008:26) a centralidade de grau reflete a atividade relacional direta de um ator, medindo o número de conexões diretas. O ator que ocupa maior centralidade possui um maior número de conexões diretas com os outros atores. A centralidade de proximidade mede a distância das conexões entre os atores, relacionando-se com a autonomia e independência dos atores. Assim quanto mais afastado se encontra o ator, maior será a capacidade de autonomia face às suas decisões e ações. No que respeita à centralidade de intermediariedade esta mede a importância da posição intermediária ocupada pelos atores, relacionando-a com os papéis de coordenação e controlo entre os diversos atores. Assim quanto mais um ator se encontrar na posição intermediária, maior capacidade de controlo terá sobre a informação transmitida entre os atores. Afirma o autor (LEMIEUX, 2008:30) que medir a centralidade dos atores é um processo bastante complexo, quando o número de atores é elevado.

Segundo o autor, a sociometria foi criada por Moreno (Cit. In LEMIEUX, 2008:74) durante os anos 30 do século XX. Esta interessa-se pelas afinidades, indiferenças, atrações e repulsões entre os atores sociais, remendo para laços positivos, normalmente associados a um traço contínuo e laços negativos, associados a um tracejado. Este estudo das relações afetivas

corresponde mais precisamente a relações interpessoais e não de grupos ou comunidades. É possível encontrar a grupabilidade quando se analisam conjuntos de laços positivos ou conjuntos de laços negativos.

Quando se pretende estudar as redes sociométricas é frequente a utilização da técnica do questionário ou da observação direta, podendo também ser utilizada a técnica da entrevista (LEMIEUX, 2008:75).

Torna-se relevante para este estudo apresentar a teoria dos laços fortes e dos laços fracos de Granovetter (Cit. In LEMIEUX, 2008:52), onde os laços fortes unem familiares e amigos e os laços fracos unem parentes mais afastados e vizinhos que não se consideram amigos. Desta forma, os laços fortes originam relações mais frequentes, pois existe uma maior dedicação de tempo, surge uma maior intimidade, nas confidências, aquando laços fortes, assim como surge maior intensidade emocional. Os serviços recíprocos prestados são mais frequentes quando se caracterizam os laços fortes, assim como existe uma maior ligação e conexão quando os laços são fortes.

Estas diferenças entre a fortificação das relações originam diferentes configurações entre as redes. As redes de laços fortes caracterizam-se por uma densidade de 1, pois todos têm conexões diretas entre si, tendendo a fechar-se sobre si mesmas, já as redes com laços fracos tendem a abrir-se ao exterior.

Granovetter (Cit. In LEMIEUX, 2008:53) afirma que numa situação de procura de emprego, uma rede com laços fracos é muito mais útil, uma vez que lançam pontes locais entre conjuntos de atores, que se encontram mais isolados. Pelo que a sua força reside na linguagem mais comunicacional do que energética, existindo uma maior riqueza de informação. Também António Prates (PRATES, 2009:1122) afirma a importância dos laços fracos, não porque não fortalecem coletivamente um grupo nas suas interações, mas porque facilitam a fluidez da influência e informação transmitida.

Torna-se então relevante estudar um bairro, com a sua multiplicidade de nós, relações, laços e conexões.

CAPÍTULO II – MODELO DE ANÁLISE

Com base nas literaturas até agora analisadas, foi possível a construção de um quadro conceptual e tipológico das relações de sociabilidade, objeto de estudo deste trabalho. A decomposição deste conceito resultou em cinco dimensões, sendo estas, o tipo de conexão, a quantidade de relações, a frequência do contacto, as formas de comunicação e os padrões de relacionamento, cada uma com os seus indicadores próprios, como é possível de verificar no quadro 1 descrito abaixo.

Quadro 1.2 – Demonstração das variáveis mais complexas do estudo

Redes de Sociabilidade		
Tipo de Conexão	Quantidade	Frequência de Contacto
Sem Relação	Nenhuma relação	Nenhum
Relação Precária	De 1 a 25 relações	Até 2 vezes
Relação Mediana	De 26 a 74 relações	Até 5 vezes
Relação Elevada	Mais de 75 relações	Todos os dias

Para a dimensão dos «tipos de conexão» identificam-se quatro indicadores que se caracterizam numa escala crescente. Estes indicadores têm o propósito de explicar e avaliar o tipo de redes que cada família do bairro mantém entre si.

A dimensão da «quantidade de relações» tem também quatro indicadores, que tal como na dimensão anterior, se caracterizam por uma escala crescente. Estes indicadores representam uma medida quantificável das relações que cada família do bairro mantém com outras famílias vizinhas.

Estas duas dimensões estão diretamente relacionadas, uma vez que quem não tem qualquer relação com os vizinhos, em termos de quantidade será zero. E no oposto verificar-se-á que quem tiver uma relação elevada com os vizinhos, terá uma quantidade igual ou superior a setenta e cinco relações. Esta escala está relacionada com o número de alojamentos que existem no bairro (correspondente a 115 habitações).

É possível medir estas dimensões através da segurança que os moradores sentem no seu próprio bairro, ou seja, quanto mais elevada for a conexão e a quantidade das relações entre os moradores, maior será a segurança sentida. O conceito de segurança aqui descrito corresponde

à frequência, diária e noturna, dos membros do bairro a lugares coletivos (cafés, restaurantes, mercearias e festas).

A dimensão de «frequência do contacto» tem quatro indicadores respeitando ao número de vezes, por semana, que os indivíduos mantêm contacto com os vizinhos, sendo que o valor mínimo é nenhuma relação por semana e o valor máximo, todos os dias interagirem entre si. Pode-se avaliar esta dimensão com base em conversas casuais, visitas, encontros e conversas na porta das casas.

A dimensão das «formas de comunicação» pretende analisar como se processa a conversação entre os vizinhos, permitindo qualificar as relações, em conversação formal e informal. Se as relações se apresentam mais formais, então provavelmente a frequência do contacto é mais reduzida, enquanto se a comunicação for mais informal, provavelmente a frequência do contacto é mais elevada. A avaliação desta dimensão é possível através da participação em ações coletivas do bairro, como reuniões da associação de moradores, organização de festas e campanhas solidárias.

A última dimensão, «padrões de relacionamento», é caracterizada por dois indicadores, a relação hostil ou conflituosa e a relação amigável ou afetuosa, e está relacionada com a dimensão anterior pela forma como se estabelece a comunicação. Se a comunicação é formal, porque o contacto é pouco frequente, então provavelmente a relação será hostil ou conflituosa, uma vez que não existe uma relação fortalecida, mas se a comunicação for informal, com um contacto frequente, então provavelmente existirá uma relação amigável ou afetuosa.

Este indicador mede-se através da ajuda mútua e prestação de serviços, como por exemplo o empréstimo de utensílios domésticos e de alimentos, o tomar conta eventualmente de uma criança ou de um membro mais idoso do bairro e a ajuda com pequenos consertos de casa de um vizinho.

i. Hipóteses

Pretendem-se testar as seguintes hipóteses:

1. Existem, na sua maioria, relações de sociabilidade Média com uma frequência de contacto de até 5 vezes por semana, aquando a análise dos dados.
2. Entre os moradores do bairro existem, na sua maioria, padrões de relacionamento afetuosos ou amigáveis compostos por conversações informais.
3. A densidade das redes corresponde a um valor igual ou superior a 0,75.
4. A maioria dos moradores encontra-se na faixa etária dos 65 e mais anos.

5. O horário laboral das famílias permite uma conciliação entre a relação trabalho/ família/ vizinhos.

ii. Metodologia

Segundo Glória Serrano (SERRANO, 2008:47) a metodologia é o conjunto dos métodos utilizados por uma disciplina para realizar a sua atividade profissional, constituindo então as ações e os procedimentos que se deverão realizar para alcançar os objetivos e finalidades propostos. Deverão identificar-se as diferentes atividades que se realizarão, as técnicas de recolha e tratamento de informação, a população e a amostra.

O tipo de metodologia, também devido ao número da amostra, é predominantemente quantitativo, medido através do inquérito por questionário e tem adjacente o método do estudo de campo, que segundo Ernest Greenwood (GREENWOOD, 1965:331) corresponde a um método complexo em amplitude, profundidade e intensidade, que permite utilizar todos os instrumentos e técnicas disponíveis para enriquecer o estudo. Este método adequa-se ao estudo, uma vez que através dos diversos instrumentos que se utilizaram se pretendia aprofundar os conhecimentos dos moradores sobre anteriores residências e relações de vizinhança, assim como explorar aspetos psicológicos e sociais de cada família.

iii. Plano de ações

Durante a fase de desenho e planificação do estudo foram lidas teorias e obras de autores que inserem as suas premissas e trabalhos nas áreas das redes sociais e redes de sociabilidade. Foram também definidos os objetivos e hipóteses, assim como as metodologias e métodos complementares de investigação. A população foi delimitada assim como o campo empírico. Foram desenhados e verificados os instrumentos de análise. Esta etapa teve a duração aproximada de cinco meses (de Setembro a Janeiro).

Na fase de execução foram aplicados às famílias do bairro, nomeadamente a um representante, um Questionário de Reconhecimento, que correspondeu ao instrumento principal de recolha de dados. Simultaneamente foi feita uma observação participante informal de forma a analisar os comportamentos de relação entre vizinhos. Assim como foi também feito um estudo de análise de redes sociais, com critérios específicos, que permitiu compreender mais profundamente as relações sociais dos moradores. Esta fase decorreu de Fevereiro a Abril, tendo a duração aproximada de três meses.

A fase de análise dos dados, avaliação e conclusões iniciou-se em Abril e decorreu até ao final de Maio.

iv. Técnicas de recolha de informação

Seguindo o que foi descrito anteriormente, foi aplicado um questionário (ver ANEXO B – Questionário de Reconhecimento) que teve como principal propósito a recolha de dados relativos a alguns grupos de indicadores, nomeadamente a informações sociodemográficas, correspondendo ao sexo, ano de nascimento, estado civil, naturalidade e nacionalidade, nível de ensino e situação laboral, e também familiares, analisando o número do agregado familiar, onde vivem os familiares mais próximos e com que frequência se veem ou estão juntos.

Outro grupo reporta a informação sobre anteriores residências, correspondendo à atual residência, à região de uma anterior habitação, o número de vizinhos conhecidos, o tipo de comunicação utilizado e qual o padrão de relacionamento. O terceiro grupo reporta aos vizinhos, onde alguns dos indicadores inquiridos foram a decisão de residência no bairro, o número de vizinhos que conhece e quantos deles conhece pessoalmente, com que frequência se vêem, se tivessem problemas a quem recorriam, se emprestam ou pedem objetos emprestados e se realizam tarefas aos vizinhos de forma gratuita.

O último grupo de indicadores reporta ao tipo de atividades praticadas com os vizinhos, qual a frequência com que as praticam e onde o fazem e se costumam ter conversas telefónicas com os vizinhos.

Relativamente à observação participante informal que foi desenvolvida, não apresentava uma grelha de preenchimento e avaliação, mas em cada questionário foi escrita uma nota de correspondência entre o assinalado pelo inquirido e o observado pela discente.

Na análise das redes sociais os indicadores correspondiam a relações amigáveis e a contactos semanais de pelo menos três vezes entre vizinhos. Para esses dois indicadores foram analisadas a densidade, centralidade de proximidade, grau e de intermediariedade e os subgrupos.

v. Técnicas de recolha de informação

Com base na informação recolhida pelos questionários que foram efetuados, utilizou-se uma base de dados, com o apoio do programa SPSS, que possibilitou o cruzamento entre variáveis a fim de melhor explicitar os resultados.

Relativamente à medição da densidade das relações sociais, foi utilizado o programa UCINET, onde se construíram redes de proximidade no bairro e entre as diversas famílias e depois foram analisadas.

vi. Campo empírico de observação

Caracterização Social Da População A Estudar. Localização e alguns dados pertinentes:

País – Portugal

Distrito – Lisboa

Concelho – Cascais

Freguesia – S. Domingos de Rana

Localidade – Caparide

Lugar – Bairro da Fonte

Torna-se necessário deter alguma informação prévia sobre o campo empírico de estudo. Desta forma, através dos dados recolhidos pela discente nos censos de 2011, agora disponibilizados pelo INE, foi possível a recolha de informação detalhada através dos sistemas de busca de informações por subsecção. Assim disponibilizam-se dados atualizados e precisos sobre o número de edifícios, alojamentos, famílias e população residente no bairro que se irá estudar, como se poderá visualizar nos quadros abaixo.

Quadro 2.2 – Número de total Edifícios e Alojamentos no Bairro da Fonte

	2011	
	Edifícios	Alojamentos
Bº da Fonte, Caparide	97	115

Fonte: Portal do INE², Alojamentos e Edifícios 2011, Resultados Preliminares – a nível de subsecção estatística

No quadro 2 estão disponíveis as informações sobre o número total de edifícios e alojamentos existentes no bairro da Fonte. Todos os edifícios contabilizados correspondem a edifícios exclusivamente residenciais, uma vez que os edifícios comunitários, como por exemplo uma fábrica de bolos, não apresentaram qualquer tipo de habitação, desta forma tornou-se irrelevante para o levantamento de dados dos censos e também deste estudo. Os edifícios comunitários não habitados só são relevantes para o estudo, na medida em que constituem lugares de convívio entre os moradores.

No bairro não existem prédios residenciais, mas existem habitações com mais de 3 alojamentos, principalmente por parte de diversos membros da mesma família. Temos o exemplo de os pais viverem no rés-do-chão, os filhos no 1º andar e um irmão ou tio a viver

² http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos2011_apresentacao, recuperado a 20/12/11

num 2º piso. A estas residências denomina-se «prédios familiares». Desta forma é possível verificar o porquê da diferença entre o número total de edifícios e alojamentos.

Quadro 3.2 – Número de total Famílias no Bairro da Fonte

	2011
Bº da Fonte, Caparide	115

Fonte: Portal do INE³, Famílias 2011, Resultados Preliminares – a nível de subsecção estatística

No quadro 3 apresenta-se o número total de famílias que habitam o bairro. Este valor corresponde ao número total de alojamentos, uma vez que apenas são contabilizados os alojamentos habitados.

Aquando o levantamento dos dados para os censos de 2011, foi possível saber que apenas 5% das famílias são constituídas por um membro, que as famílias com 2 membros, já mais no fim da sua vida, correspondem a 30%, que as famílias constituídas por 3 membros, no início da sua constituição familiar, correspondem a 20%. As famílias com 4 membros, que correspondem à maioria, compreendem os 35% das famílias do bairro e as famílias com 5 ou mais membros apenas 10%.

Em termos de conclusão é possível determinar que são poucas ou raras as situações em que uma família é constituída por apenas um membro, o mais comum é serem constituídas por idosos no fim da sua vida que já perderam o seu parceiro. As famílias com 2 membros correspondem a idosos e pessoas mais novas sem filhos que estão a começar ou a terminar a sua vida familiar. As famílias com 3 membros são regularmente caracterizadas por dois adultos e uma criança, assim como as famílias de 4 membros, que constituem o núcleo familiar tradicional, o casal e os filhos. As famílias com 5 ou mais membros já são caracterizadas pela família nuclear e mais membros que constituem uma família alargada, como tios, avós, irmãos ou netos. Pode-se então afirmar que este é um bairro multigeracional, uma vez que existem relações entre as diversas faixas etárias.

Quadro 4.2 – Número total da População Residente no Bairro da Fonte

	2011
Bº da Fonte, Caparide	332

Fonte: Portal do INE⁴, População Residente 2011, Resultados Preliminares – a nível de subsecção estatística

³ Idem.

⁴ Idem.

Relativamente à população residente no bairro, este valor corresponde à soma de todos os indivíduos residentes em cada família, constituindo a população do bairro. Esta população é caracterizada por 15% de jovens até aos 18 anos, 35% de adultos dos 19 aos 50 anos e por 50% de pessoas com mais de 50 anos. Estas percentagens correspondem a uma aproximação da realidade, pelo que é possível verificar que este é um bairro com tendências para o envelhecimento, uma vez que a percentagem de jovens em relação à de idosos é muito inferior. Este bairro caracteriza-se por uma população já no fim da sua vida familiar, onde os filhos já constituíram as suas próprias famílias, e também por adultos que constituíram agora a sua.

Em conclusão, e indo de encontro à conclusão do quadro anterior, este é um bairro em que todas as idades estão presentes, desde os recém-nascidos aos mais velhos, que poderão contribuir para bem-estar comum dos moradores.

Estratégias Para Aceder À População

Baseando-se no facto de a discente ter participado no movimento nacional do Recenseamento pelo Instituto Nacional de Estatística de 2011, este acesso à população será bastante mais facilitado, uma vez que já existiu um primeiro contacto entre os moradores do bairro e a investigadora. Assim como será primordial a recolha de dados prévios sobre os moradores e as famílias.

Valerá também a colaboração da Associação de Moradores do bairro da Fonte, que conta com um presidente e vice-presidente que mantêm contacto com todos os moradores, podendo estabelecer o contacto entre ambos.

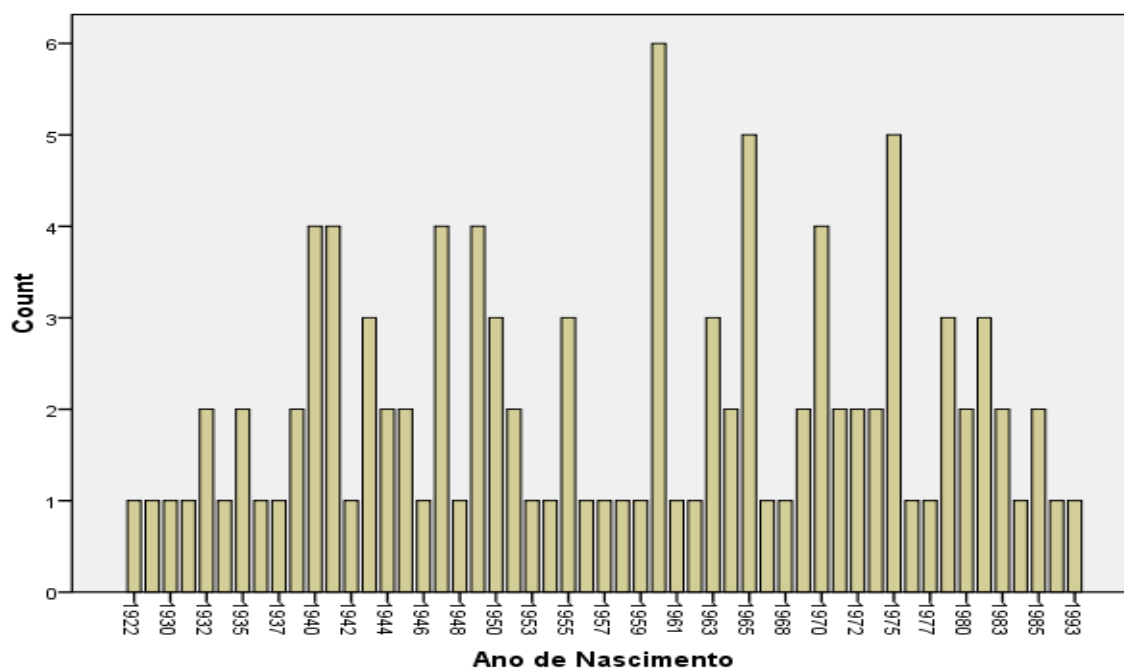
CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS EMPÍRICOS

Este capítulo reporta à análise dos dados recolhidos e forma a não ficar confuso, separou-se da análise dos dados em diversos grupos de indicadores que se interligam e complementam, pelo que abaixo serão descritos os resultados obtidos através de cada um.

i. Informação sociodemográfica

Relativamente a este grupo de indicadores obtiveram-se alguns resultados muito interessantes. Ao analisarmos o género dos participantes, constatou-se, que num universo de 107 inquiridos, 48 correspondiam ao sexo masculino e 59 ao feminino. Este valor apresenta-se bastante equilibrado, uma vez que tanto homens como mulheres se disponibilizaram a responder ao questionário, não existindo discrepância de valores.

Figura 1.3 – Representação do ano de nascimento dos moradores do bairro da Fonte



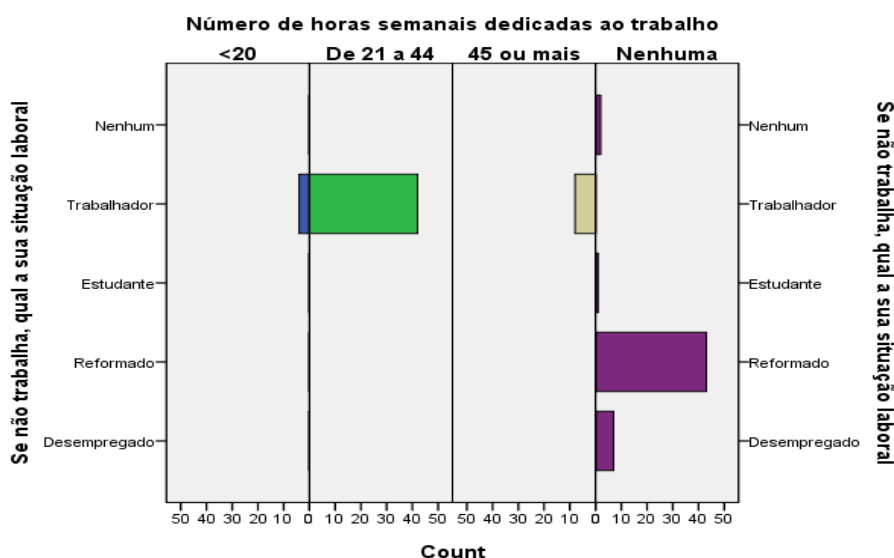
Pode-se verificar pela figura um vasto número de respostas, que variam entre as datas de 1922 e 1993, sendo que os mais frequentes foram, 6 inquiridos nascidos a 1960, 5 nascidos a 1965 e 1975, e 4 nascidos a 1940, 1941, 1947, 1949 e 1970. É então possível verificar, através destes valores apresentados, que a maioria dos inquiridos se encontra em idade ativa, ou seja, na faixa etária dos 30-60 anos.

Na análise sobre o estado civil dos moradores do bairro, é possível verificar que a maioria, com 72 respostas, são casados, 22 dos inquiridos são solteiros, 11 estão viúvos, 1 inquirido encontra-se em situação de separação e outro em situação de divórcio. A situação do matrimónio pode envolver duas situações, ou recém-casados, ou casal em situação de ninho vazio, quando os filhos já são adultos e já constituíram as suas próprias famílias. Relativamente ao número de inquiridos solteiros, estes podem morar sozinhos, por serem divorciados, separados ou viúvos, ou coabitar com alguém sem envolver o matrimónio.

No que respeita à naturalidade dos inquiridos, que se torna relevante para este estudo, de forma a analisar os valores e costumes das famílias, verifica-se que 45,8% dos inquiridos é natural da região de Lisboa e Setúbal, 13,1% da região da Estremadura e Ribatejo, 11,2% da região do Alentejo e 5,6% tanto da região de Trás-os-Montes e Minho como da região da Beira interior. Apesar de a maioria ser natural da região de Lisboa e Setúbal, verifica-se entre os moradores uma migração de meios rurais ou semirurais para um meio urbano, o que pode influenciar e determinar a forma como as famílias vêm e se relacionam com os vizinhos.

Relativamente ao nível de ensino dos moradores do bairro, verifica-se que 50,5% concluiu o Ensino Básico, 35,5% concluiu o Ensino Secundário, 8,4% concluiu o Ensino Superior e 5,6% não tem escolaridade. Estes valores podem ser associados às idades, pessoas mais velhas, através dos seus valores e costumes tradicionais e reformas educacionais, apenas possuem o equivalente ao primeiro ciclo do ensino básico, uma vez que antigamente o mais importante era saber ler e fazer somas, para depois poderem trabalhar. Atualmente, as pessoas mais novas, já completam o ensino secundário e algumas até seguem para o ensino superior.

Figura 2.3 – Comparação entre situação laboral e número de horas de trabalho



Na análise sobre a situação laboral dos moradores do bairro, olhando para a figura 2, consta que 54 inquiridos se encontram a trabalhar, correspondendo à faixa etária dos 30 aos 60 anos cujos anos de nascimento são mais frequentes entre os moradores, 43 estão reformados, correspondendo também a uma grande percentagem dos moradores, 7 estão desempregados, que na atualidade é algo comum devido aos problemas financeiros do país e diversas empresas nacionais, 1 é estudante do ensino secundário e 2 não se encontram em nenhuma destas categorias acima referidas. Esta última situação verifica-se nas famílias com maiores agregados, como se analisará de seguida, onde as progenitoras abdicam do mercado laborar de forma a cuidar dos filhos, e a fazer mais facilmente a gestão financeira do agregado.

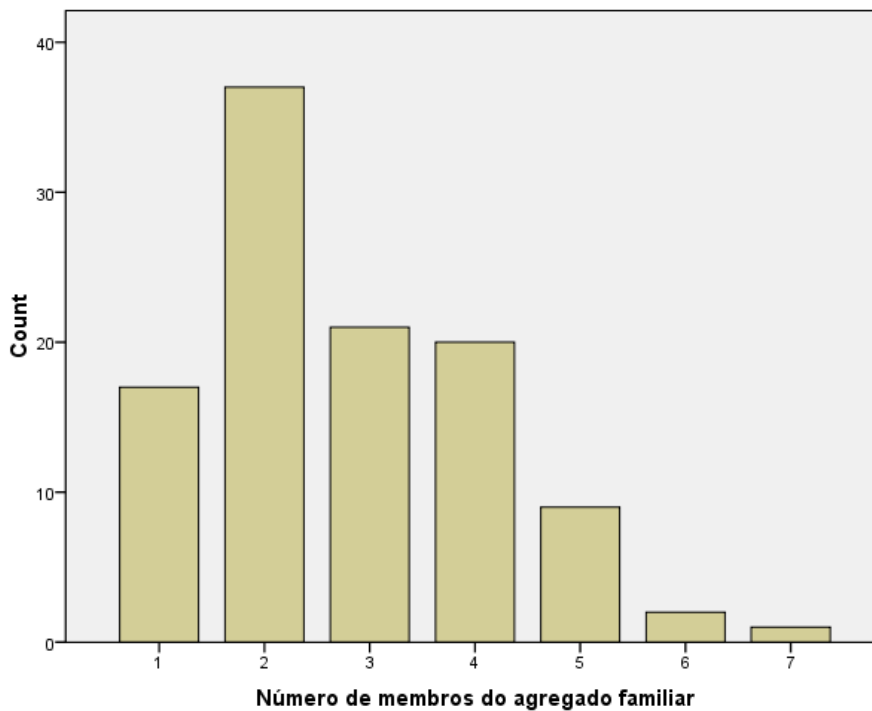
Também na figura 2 é possível relacionar o indicador que reporta ao número de horas de trabalho semanal, onde dos 54 que trabalham 4 inquiridos afirmam trabalhar menos de 20 horas semanais, 42 afirmam trabalhar entre 21 e 44 horas semanais e apenas 8 dos inquiridos afirmam trabalhar mais de 45 horas semanais. É possível verificar que a maioria dos inquiridos trabalha até 44 horas semanais, correspondendo a pelo menos duas folgas semanais, o que acaba por tornar a relação trabalho/ família muito mais fácil e duradoura, deixando algum tempo livre também para o convívio entre vizinhos. Famílias que têm horários laborais mais sobrecarregados, têm menos tempo para a família e ainda menos para os vizinhos.

Aos inquiridos também foram colocadas algumas questões sobre os seus familiares, nomeadamente qual a região em que habitam os seus familiares mais próximos e com que frequência se vêm ou estão juntos. Para o primeiro indicador a esmagadora maioria (com 103 respostas) respondeu que os seus familiares mais próximos moravam na região de Lisboa e Setúbal, muitas vezes na mesma localidade ou freguesia. Dois inquiridos afirmaram que os seus familiares mais próximos moram na região da Estremadura e Ribatejo e outros dois responderam que as suas famílias mais próximas moram, uma no Alentejo, e outro em Angola.

No segundo indicador 46 inquiridos afirmam ver ou estar com a sua família todos os dias, 45 afirmam estar todas as semanas, 8 dos inquiridos afirmam só ver a família uma vez por mês. Dois inquiridos apenas vêm os seus familiares a cada seis meses e 6 apenas estão com os seus familiares uma vez por ano. Quanto a este indicador pode-se verificar que o número de inquiridos que vê a sua família todos os dias e os que os vêm todas as semanas é um valor muito semelhante, com uma diminuta diferença. Estes valores poderão estar relacionados com a proximidade dos seus familiares e com a sua situação laboral. Por exemplo, uma pessoa que trabalhe oito horas por dia e seja casada e tenha filhos, mais dificilmente poderá contactar

com os seus familiares, pais ou irmãos, mesmo que vivam na mesma rua. Outro exemplo diferente, poderá ser uma pessoa que já esteja reformada e que tenha mobilidade e disponibilidade para visitar ao fim da tarde os seus filhos e os ajude com algumas tarefas domésticas ou apareça só para ver os seus netos. Os inquiridos que afirmam ver os familiares com menor frequência pode estar também relacionado com a falta de tempo relativa ao trabalho ou à distância que os separa.

Figura 3.3 – Composição dos agregados familiares



Quanto à composição do agregado familiar representada na figura 3, 17 inquiridos compõem famílias de um só membro, 37 compõem famílias de 2 membros, 21 compõem famílias de 3 membros e 20 de 4 membros. Dos restantes inquiridos, 9 compõem famílias de 5 membros, 2 compõem famílias de 6 membros e apenas família é composta por 7 membros. Verifica-se nesta situação que as famílias compostas por 2 membros podem ser encontrar numa dupla situação, ou recém-casados, prontos a começar uma família a três, ou então famílias em situação de ninho vazio. As restantes composições familiares com 3 ou mais membros podem ser compostos pela díade casal/ pais e seus filhos, com a variante de ascendentes ou outros familiares integrados.

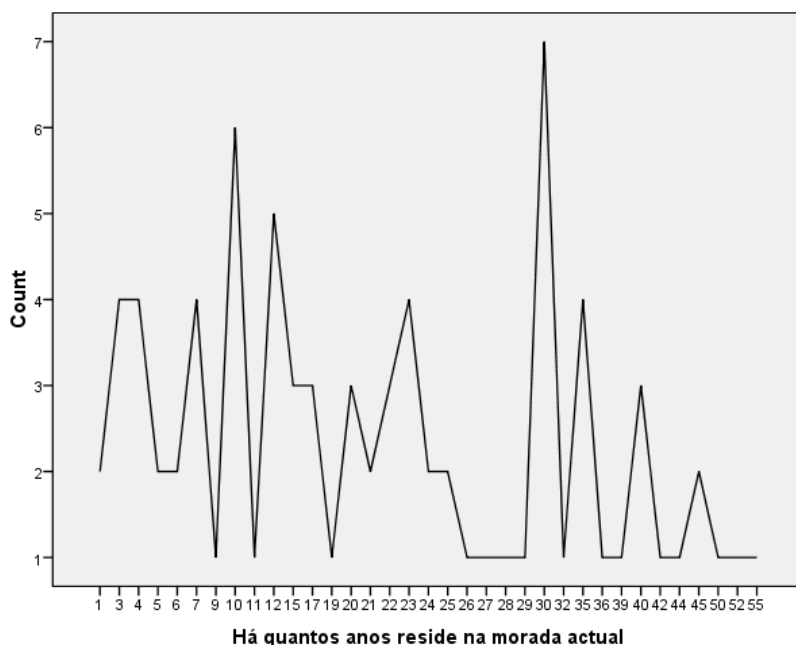
Este grupo de indicadores torna-se relevante para compreender o contexto de cada família e quais as suas predisposições sociais para com os seus vizinhos e familiares.

ii. Anteriores residências

Quanto a este grupo de indicadores também resultaram dados interessantes. Este grupo de questões e indicadores prevê a informação sobre residências anteriores e contacto com outros vizinhos que não os atuais, de forma a fazer uma pequena comparação de como as famílias evoluíram ao longo do tempo.

Foi questionado às famílias se sempre haviam residido nesta habitação atual, pelo que 25 respondeu que sim e 82 responderam que não. Aos que responderam que sim, pode estar associado o motivo de serem moradores de segunda geração numa mesma casa com dois ou mais alojamentos. Outro motivo poderá ser o entendimento pessoal que cada individuo ou família atribui ao significado de morar naquela habitação em específico. Alguns inquiridos responderam que sim, mesmo que não tenham crescido desde pequenos naquela habitação, mas porque moram nela desde que constituíram família e deixaram de estar dependentes dos seus pais. Os que responderam não são os que efetivamente moram há menos tempo no bairro, têm casas alugadas ou construíram a casa mesmo depois de já estarem casados e terem família.

Figura 4.3 – Representação do número de anos passados na atual residência



Na figura 4 está representado o número de anos que os moradores residem nas atuais residências, onde entre outros valores não mencionados, 2 inquiridos afirmam morar há um ano, 6 moram há 10 anos, 3 moram há 20 anos, 7 moram há 30, 3 inquiridos moram há 40 anos e apenas 1 inquirido afirma morar há 50 anos. Através dos dados podemos verificar que

uma grande maioria, com 6 respostas, dos inquiridos reside há 10 anos no bairro, o que comparado com os 7 que afirmam morar há pelo menos 30, são considerados “novatos”. Estas duas situações correspondem, na primeira, a pessoas no início da construção da sua família, enquanto na segunda as famílias já estão formadas e os filhos já são jovens adultos ou adultos. O que demonstra uma grande diversidade de gerações.

Foram depois questionados sobre quantos anos residiram numa anterior morada, pelo que 2 famílias responderam 1 ano, 15 famílias responderam 10 anos, 4 responderam 20 anos, 2 responderam 30 e 1 respondeu 40 anos. Estes valores podem estar associados com o indicador anterior, em como quantos mais anos foram passados numa anterior residência menores serão os anos passados na atual residência e o contrário igual, quantos menos anos são passados numa anterior residência, maiores serão os anos passados na residência atual.

De seguida foram questionados sobre o número aproximado de vizinhos que conheciam e contactavam aquando a sua morada numa residência anterior. Dos inquiridos, em valores aproximados, 15 responderam que conheciam 5 pessoas, 20 afirmaram conhecer 10, 7 inquiridos responderam 15 e 9 responderam 20. Dois dos inquiridos responderam que conheciam 25 pessoas numa anterior residência, 4 pessoas responderam 30, 6 pessoas responderam 50 e uma respondeu que conhecia aproximadamente 100 pessoas. Ao analisarmos os valores é perceptível uma abundância de respostas em torno de números mais baixos, 5 e 10, e à medida que o número de vizinhos aumenta, diminuem as respostas. Estes valores podem estar associados ao nível de segurança que as pessoas e famílias sentem em expor-se aos seus vizinhos. Não existe muita confiança em abordar assuntos pessoais, por isso os vizinhos passam a ser meros conhecidos e cada vez mais começam-se a conseguir contar pelos dedos.

Relativamente ao tipo de comunicação utilizado pelos inquiridos aquando se dirigiam aos vizinhos, 59 afirmaram comunicar de forma formal, enquanto 23 responderam comunicar de forma informal. Este indicador pode estar associado ao anterior, na medida em que comunica de forma mais formal e educada com pessoas que menos se conhece e com quem menos confiança se tem. Uma comunicação mais descontraída é utilizada apenas com membros que se consideram mais que meros conhecidos, amigos mesmo.

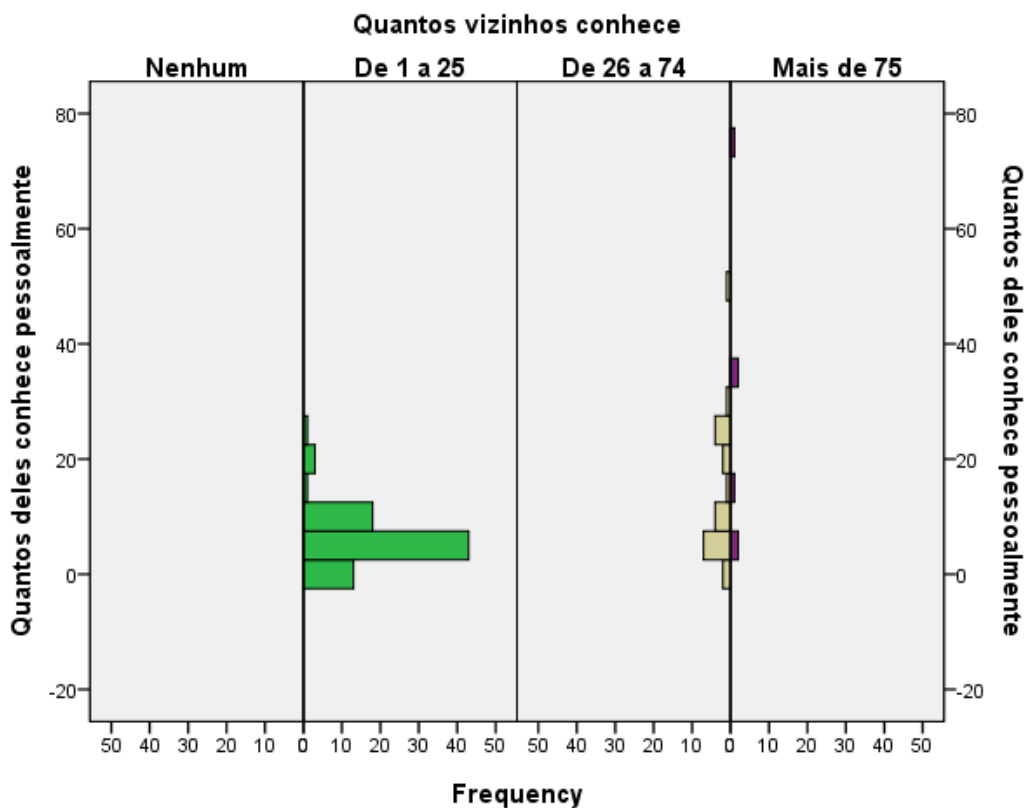
Na análise aos padrões de relação, 80 dos inquiridos responderam ter mantido uma relação amigável ou afetuosa para com os seus vizinhos, enquanto 2 responderam ter mantido uma relação hostil ou conflituosa. Quanto às respostas de hostilidade, estas podem estar associadas a algum acontecimento passado entre as famílias em questão e os seus vizinhos ou ser apenas

uma questão de personalidades, onde podem ocorrer confrontos de crenças, costumes ou valores.

iii. Vizinhos

Enquanto o grupo de indicadores anterior se baseava em compreender qual a relação e ligação para com residências e vizinhos anteriores, este grupo foca-se já na relação entre as famílias e os atuais vizinhos. Desta forma, em primeiro lugar foi questionado às famílias o motivo da sua decisão para efetivamente morar neste bairro. Dos 107 inquiridos, 81 responderam que o principal motivo era possuírem um terreno próprio, 17 responderam estar relacionado com razões económicas (rendas mais baratas), 5 responderam estar relacionado com o bom ambiente do bairro e excelentes paisagens, 2 responderam estar relacionado com uma herança de família, 1 inquirido responder que o motivo principal foi a sua situação de viuvez e outro respondeu que o motivo se devia à prestação de cuidados a um familiar que vivia sozinho. Verifica-se então que este é um bairro constituído maioritariamente por moradias próprias, sendo essa a principal razão para as famílias nele morarem.

Figura 5.3 – Comparação entre o número de vizinhos conhecidos e os vizinhos conhecidos pessoalmente



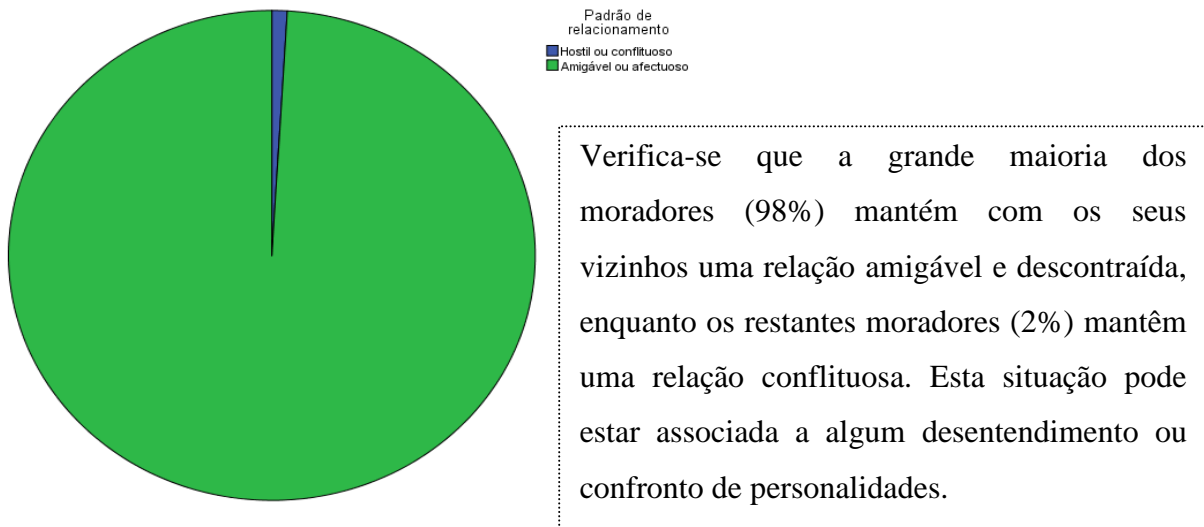
De seguida foi questionado às famílias sobre o número de vizinhos que atualmente conhece (Figura 5), pelo que 79 responderam conhecer entre 1 a 25 vizinhos, 22 responderam conhecer entre 26 a 74 vizinhos e onde 6 responderam conhecer mais de 75 vizinhos. Novamente é possível verificar que a maioria das respostas se encontra no conjunto de valores menor, podendo estar relacionado com a segurança, confiança e até mesmo personalidade dos moradores.

Mas quando foi questionado aos moradores, de todos os vizinhos que conhece, quais os que conhece pessoalmente, aí as respostas variaram um pouco. Dois inquiridos responderam não conhecer ninguém pessoalmente, 7 inquiridos responderam conhecer 1 pessoa, 20 inquiridos responderam conhecer 5 pessoas e 16 responderam conhecer 10 pessoas pessoalmente. Dos restantes inquiridos, 3 afirmaram conhecer 15 pessoas, outros 3 afirmaram conhecer pessoalmente 20 pessoas, 4 responderam conhecer 25 pessoas e 3 pessoas afirmaram conhecer pessoalmente, uma 30, outra 50 e uma última 75 pessoas. O facto de as pessoas preferirem comunicar e relacionar-se com pequenos grupos de pessoas, pode estar associado, tal como se tem constatado até agora, à confiança e segurança que depositam das suas informações pessoais a terceiros.

Relativamente à frequência como que as famílias contactam com os seus vizinhos, é possível verificar que 4 delas não passa tempo nenhum com os seus vizinhos, 48 das famílias contactam com os seus vizinhos todos os dias, 36 contacta até duas vezes por semana e 19 das famílias contactam até 5 dias da semana com os seus vizinhos. Este indicador pode estar associado às rotinas familiares e aos horários de trabalho. Reformados ou desempregadas poderão mais facilmente ver ou conversar com os vizinhos todos os dias, enquanto pessoas com horários de trabalho de 8 horas diárias ou trabalhadores por turnos, poderão, devido às suas rotinas, ter mais dificuldade em o conseguir, e então vêm-nos com menor frequência.

Quanto aos tipos de comunicação utilizados entre os vizinhos, é possível verificar que 68 dos inquiridos utiliza uma comunicação mais formal entre si, enquanto 38 utiliza uma comunicação mais descontraída. Isto pode estar relacionado com dois fatores, a intergeracionalidade do bairro, onde moradores com idades mais próximas se abordam de forma mais descontraída e pessoas com idades mais distantes tendem a comunicar mais formalmente. O segundo fator pode estar associado aos vizinhos que se conhecem pessoalmente, então comunica-se mais descontraidamente e os vizinhos que se conhecem menos têm entre si conversas mais formais.

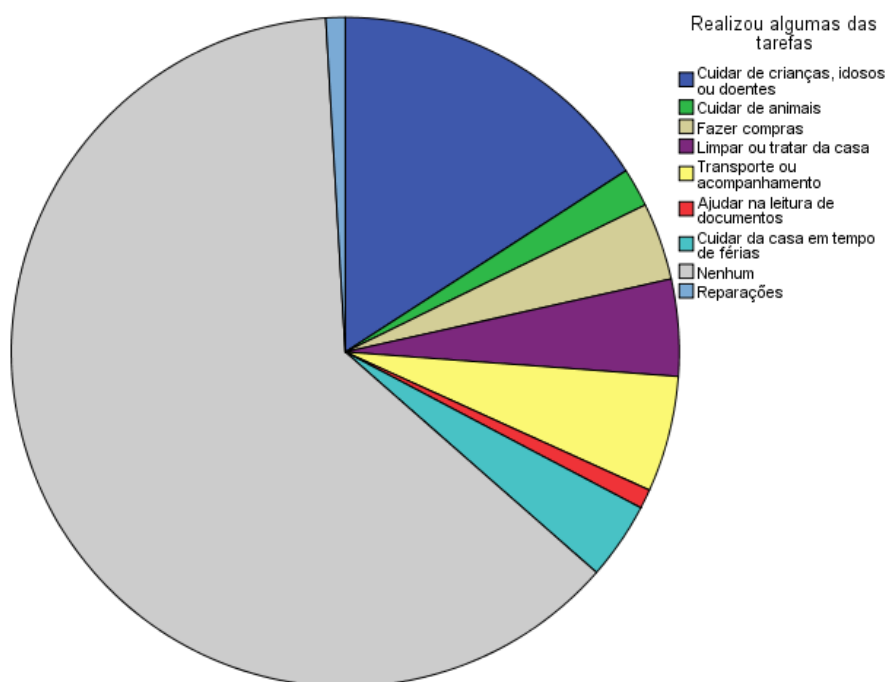
Figura 6.3 – Representação das relações entre os moradores



Foi também pedido aos moradores que se imaginassem numa situação de *stress* ou algum aborrecimento e dissessem a quem recorreriam para procurar uma solução para os seus problemas. Dos inquiridos 65 respondeu recorrer à família, 39 recorreria aos vizinhos, 1 família recorreria a serviços públicos especializados e 2 famílias não recorreriam a ninguém a fim de obter apoio. Mais uma vez se verifica que os fatores da confiança e da segurança para com os outros podem desempenhar um papel fundamental na opção quando se procura uma solução para um problema.

Relativamente à questão sobre a frequência com que empresta ou pede emprestados objetos aos vizinhos, as respostas pareceram ser coesas. Dos inquiridos 69 não empresta ou pede emprestados objetos, 16 fazem-nos todos os dias, 6 todas as semanas e 16 todos os meses. Este indicador pode estar relacionado com o anterior, na medida em que não pede ou empresta objetos aos vizinhos, é quem recorre apenas à família, aos serviços públicos especializados ou a ninguém quando necessita de algo, enquanto os restantes que emprestam e pedem objetos emprestados entre si são quem poderá recorrer aos vizinhos em momentos de *stress*.

Figura 7.3 – Representação de tarefas realizadas pelos moradores de forma gratuita



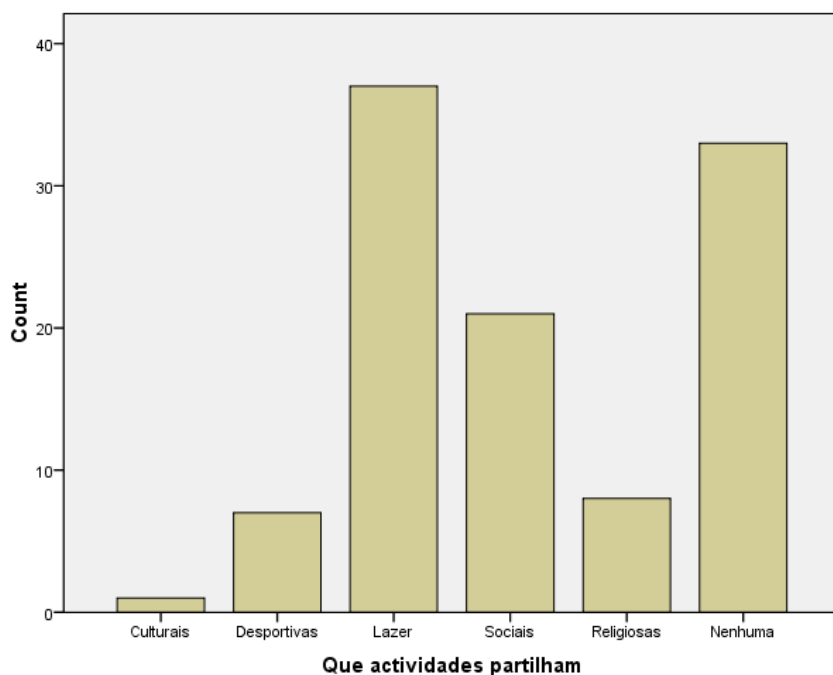
Para finalizar este grupo de indicadores, foi questionado aos moradores se no último ano haviam realizado algumas tarefas aos vizinhos, de forma voluntária e gratuita (Figura 7). Dezassete dos inquiridos realizou a tarefa de cuidar de crianças, doentes ou idosos para um outro vizinho, 2 realizaram a tarefa de cuidar de animais, 4 fizeram compras, 5 limparam ou trataram da casa, 6 fizeram o transporte ao médico ou compras, 1 leu ou ajudou a preencher documentos, 4 tomaram conta da casa dos vizinhos em tempo de férias, 1 fez reparações na casa e 67 não fizeram nada. Verifica-se então que a maioria dos moradores não tem os recursos ou a disponibilidade para ajudar o vizinho em algumas tarefas básicas do dia-a-dia, podendo estar também associado às rotinas familiares e rotinas de convívio com os vizinhos.

iv. Atividades praticadas com os vizinhos

Este grupo de indicadores procura perceber até que ponto os vizinhos realmente se conhecem e convivem entre si, com o propósito de entender a união e coesão dos moradores do bairro.

Foi então questionado aos moradores se tinham o hábito de conviver informalmente com os seus vizinhos, pelo que 74 respondeu sim e 33 responderam não. Aos que responderam não, foi depois questionado qual o motivo para a não convivência com os seus vizinhos, pelo que 15 responderam ser falta de tempo e 18 responderam não terem o costume. Verifica-se então que as rotinas familiares e a personalidade de individual pode constituir um fator para a não convivência entre moradores do bairro.

Figura 8.3 – Atividades praticadas entre vizinhos



Aos que responderam sim, foi colocada a questão sobre quais as atividades que costumam partilhar com os vizinhos (Figura 8), onde 1 morador afirmou praticar com os vizinhos atividades culturais (ir ao teatro ou a uma exposição), 7 afirmou partilhar atividades desportivas (dar um passeio ou fazer uma caminhada), 8 atividades religiosas (ir à igreja rezar ou participar na missa), 21 partilham atividades sociais (participar em excursões ou passeios de grupo) e 37 partilham atividades de lazer (conversar informalmente, ir a cafés...). Através da recolha de dados foi possível perceber que as faixas etárias mais velhas preferiam partilhar atividades desportivas, religiosas e sociais, enquanto as faixas mais jovens e ainda ativas, partilham com os vizinhos atividades de lazer, que não implicam planos ou horários e melhor se adaptam às suas rotinas.

Relativamente à frequência com que realizam as atividades, 26 dos inquiridos respondeu praticar todos os dias, 43 praticam todas as semanas, 4 praticam todos os meses e apenas 1 pratica todos os anos. Aqui verifica-se que quem tem mais disponibilidade encontra-se todos os dias com os vizinhos e que quem tem mais rotinas específicas, apenas o faz aos fins de semana, quando têm mais disponibilidade.

Quanto ao local onde costumam praticar as atividades, 2 inquiridos afirmaram praticar as atividades na casa dos vizinhos, 18 na sua casa e 54 em espaços comuns, como por exemplo, na rua, na igreja, num parque, ou num café. É então mais frequente as famílias disponibilizarem-se a ir ao encontro dos vizinhos num local que seja neutro e comum que as

partilharem em suas casas. Tal como se tem verificado até agora, a este fator podem estar associadas a confiança e segurança, onde uma coisa é partilhar algumas informações pessoais aos vizinhos que se conhecem pessoalmente, outra completamente diferente é permitir que entrem em sua casa, que é o seu espaço privado e familiar. Desta forma torna-se mais seguro para as famílias conviver num lugar que não possua objetos e recordações pessoais e não influencie conversas ou atividades.

Para finalizar, foi questionado aos moradores, quantas chamadas telefônicas semanais costumam fazer para os vizinhos, onde a esmagadora maioria respondeu, com 84 inquiridos, não fazer nenhuma, 7 respondeu fazer 2 chamadas e 7 respondeu fazer 4 chamadas. Deste indicador pode-se retirar a conclusão que os vizinhos, principalmente os que se veem e convivem diariamente, não têm necessidade de conversar telefonicamente com os vizinhos, apenas o fazem em caso de emergência ou necessidade.

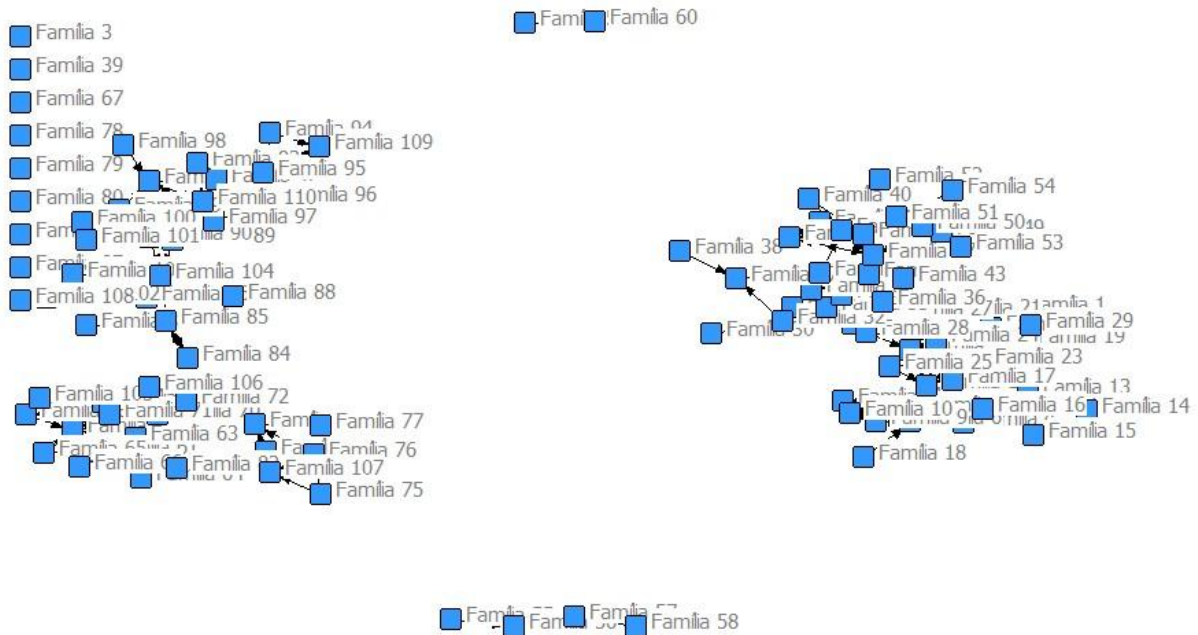
v. Análise das redes sociais

Foi também realizado um estudo de redes sociais, a fim de analisar as relações entre os vizinhos. Estabeleceu-se então um critério de análise, pois neste caso o pretendido era analisar as famílias do bairro que mantinham entre si uma relação amigável ou afetuosa com uma frequência de contacto igual ou superior a três vezes por semana.

Verifica-se que num total de 107 famílias que responderam ao questionário, 39 delas não se apresenta qualificada para esta análise, uma vez que não cumpria o requisito da frequência de contacto com os vizinhos.

Foram então construídas algumas hipóteses que pretendem comprovar a veracidade e importância deste estudo. Desta forma pretende-se comprovar se os indicadores de relação amigável ou afetuosa e a frequência de contacto semanal de pelo menos três vezes apresentam uma densidade superior a 0,5. Pretende-se também comprovar a existência de subgrupos dentro do bairro, assim como se pretende comprovar se as relações se apresentam na sua totalidade bidirecionais.

Figura 9.3 – Esquema da matriz



Ao se analisar o diagrama da matriz em estudo (Figura 9), foi possível verificar, que tal como o bairro é separado fisicamente por um obstáculo, também em termos sociais e relacionais se verifica um corte. Pode-se então dizer que dentro deste bairro existem dois grupos relacionais e que não existe, ou é rara, a troca de informação entre si.

Outro aspeto que se verifica, dentro dos grupos, é existência de ligações unidireccionais, podendo dever-se ao facto de que cada indivíduo é único e tem perspetivas diferentes do que é a amizade, ou pelo facto de poderem não contactar tantas vezes com determinada família.

Verifica-se que a densidade, neste estudo, se apresenta negativa, com um valor de 0,0254, significando que a proporção dos laços existentes para a totalidade das relações possíveis é muito inferior ao desejado. Demonstra-se então que as famílias que mantém relacionamentos amigáveis e contactam pelo menos três vezes por semana correspondem a uma estimativa de 60% da totalidade, enquanto as famílias que não cumprem os requisitos estimam os 40%. Existe nestes valores uma proximidade, o que demonstra a baixa densidade de relações positivas analisadas. Desta forma quanto maior for a distancia entre as duas percentagens, maior será a densidade das relações.

Ao analisar a centralidade de proximidade é demonstrado que a Família 16 é quem ocupa o lugar mais central da Rede, constituindo-se como o dominador da rede, pois é quem apresenta um maior número de distâncias geodésicas. Famílias como as 54, 55 ou 108, como tantas outras, são quem apresenta uma proximidade mais reduzida, uma vez que apenas mantêm contacto frequente com uma ou duas famílias.

A centralidade de grau demonstra o número de laços imediatos estabelecidos pelos atores, e uma vez que as Famílias 27 e 36 ocupam o lugar central da rede e são também quem estabelece mais contactos imediatos (9) e Famílias como a 3, 16 ou 108 não apresentam apenas relações unidirecionais para com os seus vizinhos.

Quanto à centralidade de intermediariedade verifica-se que 50% das famílias se encontra numa situação de centralidade entre dois grupos de atores, enquanto os restantes 50% não. Desta forma a Família 11 é quem mais vezes se encontra no centro de dois grupos de atores (290 vezes), assim como a Família 72 (176 vezes), enquanto famílias como a 55 ou a 109 não apresentam qualquer valor.

Através da análise dos subgrupos, é possível verificar a existência de catorze grupos que apresentam entre si reciprocidade e coesão. O grupo constituído pelas Famílias 5, 6, 7, 8, 9, e 11, são que mais relações recíprocas apresentam, sendo quem apresenta uma maior coesão. Existe também um grupo constituído pelas Famílias 89, 90 e 100, e que apesar de estar em décimo quarto lugar, apresenta também reciprocidade e coesão entre si.

CONCLUSÕES

Este capítulo reporta às conclusões relativas ao trabalho.

No capítulo II do modelo de análise foi descrito que no bairro existiam cerca de 115 famílias, mas efetivamente só 107 participaram no estudo. Esta situação acontece devido a duas posições, a primeira reporta ao facto de algumas habitações encontrarem-se de momento vazias, devido à mudança das famílias para outra residência ou por falecimento dos proprietários dos alojamentos, a outra surge devido ao facto de existirem três famílias que não se mostraram interessadas em participar no estudo, uma vez que afirmaram que se davam muito bem com os vizinhos e não precisavam de o oficializar num estudo.

Ao analisar os resultados obtidos, foi possível verificar que, relativamente às hipóteses a maioria não se comprovou. A primeira hipótese, relativa à existência, na sua maioria, de relações de sociabilidade Mediana com uma frequência de contacto de até 5 vezes por semana, aquando a análise dos dados, não foi comprovada no estudo, na medida em que foi possível constatar que apenas 19 famílias inquiridas mantêm um contacto semanal com os seus vizinhos de pelo menos 5 vezes. Pode-se afirmar que apesar desta hipótese não se ter comprovado, os resultados obtidos revelaram-se muito positivos, na medida em que a maioria das famílias inquiridas tem um contacto diário com os seus vizinhos, o que demonstra algum nível de coesão no bairro, pelo menos no que respeita a este indicador.

A segunda hipótese, relativa à existência de, na sua maioria, padrões de relacionamento afetuosos ou amigáveis compostos por conversações informais entre os moradores do bairro, mostrou-se em parte comprovada, na medida em que os moradores mantêm entre si relações amigáveis ou afetuosas. Quanto às conversações informais, esta hipótese não se comprovou, uma vez que a maioria dos moradores mantêm entre si um estilo de comunicação formal, o que pode estar associado, tal como se verificou na análise dos dados, ao nível de confiança e segurança que se vive no bairro e mesmo para com os outros moradores.

Relativamente à terceira hipótese, que remetia à densidade das redes corresponder a um valor igual ou superior a 0,75. Ao analisar as redes sociais existentes no bairro, foi possível determinar que esta hipótese também não se comprovou, uma vez que a densidade da rede corresponde a 0,02. Isto deve-se ao facto de nem todos os moradores do bairro manterem relações para com os vizinhos, porque ao se analisarem os moradores que realmente mantinham relações amigáveis com os vizinhos pelo menos 3 vezes por semana, verificou-se que a maioria dos vizinhos não mantêm qualquer relação. A densidade das redes mede a

proporção dos laços existentes sobre todos os laços possíveis, pelo que neste caso os laços que existem entre os moradores é em muito inferior à soma de todos os laços possíveis dentro do bairro, o que resultou numa densidade muito baixa.

A quarta hipótese também não se comprovou, uma vez que ao se analisarem os dados sobre o ano de nascimento e a situação laboral, é possível verificar que o número de pessoas reformadas com data de nascimento anterior a 1947, é inferior ao número de pessoas que se encontram em idade ativa e se encontram a trabalhar.

Na última hipótese sobre se o horário laboral das famílias permitia uma conciliação entre a relação trabalho/ família/ vizinhos, verificou-se uma comprovação, na medida em que a maioria dos inquiridos trabalha até 44 horas semanais. Se se fizerem as contas, onde por exemplo um morador trabalha em média 8 horas e descansa em média mais 8 horas diárias, ainda lhe sobram 8 horas para passar tempo com a sua família e também com os seus vizinhos, sem necessariamente desperdiçar ou sacrificar tempo. É evidente que quanto maior for o número de horas passadas a trabalhar, mantendo fixo o tempo de descanso, menor será o tempo disponível para estar com a família e conseqüentemente será também menor a disponibilidade para estar com os vizinhos.

Figura 1.4 – Comparação da frequência de contacto entre família e vizinhos

Família		Vizinhos	
Todos os dias	Todas as semanas	Todos os dias	Até 2 vezes por semana
46	45	36	48

Como é possível verificar através da figura 1, relativa à frequência de contacto entre família e vizinhos, que alguns dos moradores passa tanto tempo diário com a família como com os vizinhos. É possível verificar também que muitos moradores aproveitam os fins de semana para estar com os familiares mais próximos e para conviver com os vizinhos.

Desta forma é possível concluir que os moradores do bairro conseguem fazer uma boa distribuição do tempo que têm para a vida laboral e doméstica e conciliá-lo com relações com familiares próximos e vizinhos.

Relativamente à análise das redes sociais pode-se concluir que, antes de mais, o obstáculo físico (no caso deste bairro é uma autoestrada) que separa o bairro em duas frações, desde a sua construção tem vindo a influenciar a comunicação entre os moradores, uma vez que dificulta espacialmente o seu contacto físico. Este problema acontece uma vez que apenas existe uma via de comunicação entre as duas frações, quanto antigamente existiam seis vias

continuas de habitações. Desta forma conclui-se que este bairro é na verdade uma espécie de agregação entre dois novos bairros, uma vez que a comunicação e relação entre vizinhos, não se transpõe de uma fração para a outra, o que conseqüentemente prejudica o bairro.

Quanto às hipóteses destes indicadores conclui-se que apenas a segunda hipótese, sobre a existência de subgrupos dentro do bairro, se comprovou. Ao fazermos uma análise mais pormenorizada, é possível verificar que os grupos dentro do bairro se limitam às ruas onde habitam e aos vizinhos mais próximos. São a estes vizinhos mais próximos em quem se deposita a confiança e segurança, com quem se contacta diariamente e com quem se partilham atividades sociais ou de lazer. São raros os contactos que existem para além das suas ruas e para além da barreira física.

Desta forma ao analisar todos os dados e ao tentar comprovar as hipóteses para este estudo, é possível concluir que as hipóteses delineadas não correspondem na totalidade à realidade analisada, pelo que será necessário, num futuro estudo desta semelhança, reformular as hipóteses e torna-las mais acessíveis à população em estudo.

No início do desenho do estudo foram estabelecidos alguns objetivos que deram corpo à investigação. Portanto, aos objetivos gerais é possível concluir a sua eficiência e eficácia, ou seja, os objetivos encontravam-se bem delimitados, claros e abrangiam todo o corpo da investigação e instrumentos de recolha de dados construídos. É perceptível que ao longo do trabalho foi feita uma boa caracterização demográfica dos moradores do bairro, assim como foram explicitadas e analisadas todas as relações estabelecidas entre os moradores.

Os objetivos específicos também se demonstraram claros e concisos, uma vez que durante o estudo se abordou, explicou e analisou os padrões relacionais e tipologias comunicacionais entre os vizinhos. Também se abordou a questão, ainda que de forma breve, sobre o tempo das famílias despendido entre trabalho/ família e vizinhos, assim como se falou da questão das diferentes atividades praticadas pelos moradores com os seus vizinhos.

Relativamente ao capítulo teórico conclui-se que as informações, pensamentos, estudos e opiniões recolhidos juntos de autores conhecidos e peritos nas áreas em questão, se demonstraram verdadeiros e aplicáveis a este estudo. Ao se analisar, por exemplo, uma definição de bairro, que segundo o autor Barry Wellman (WELLMAN, 2007:1) que é associado a uma pequena comunidade onde existe a partilha e a troca de experiências e conhecimentos entre os moradores, é possível verificar que este conceito de facto existe e que apesar de se tornar cada vez mais raro da atualidade, neste bairro em questão existem alguns moradores que ainda trocam e partilham vivências do seu quotidiano. O mesmo autor considera que associado ao conceito de bairro está o conceito de «rede de capital»

(WELLMAN, 2007:1), que reporta ao suporte informal que é prestado aos moradores por outros moradores disponíveis em caso de *stress* ou dificuldades. Esta é também uma situação que acontece dentro deste bairro, pois através dos dados obtidos foi possível verificar que existem alguns moradores que se disponibilizam para ajudar os seus vizinhos aquando surgem necessidades, apesar de igualmente se tornar uma situação rara.

Outro autor, Willmott (Cit. In ARGYLE, 1994:69) afirma que se tendem a escolher amigos com atitudes similares às nossas, assim como idades, composição familiar ou interesses de lazer. Que normalmente os amigos são frequentemente associados ao suporte social e assistência, assim como ao apoio emocional. Os seus resultados mostram que na classe média é mais usual recorrer aos amigos quando é necessário o suporte social enquanto os operários recorrem mais frequentemente aos familiares. Relativamente às opiniões deste autor é possível confirmar isso através da recolha dos dados e da observação realizada aos costumes dos moradores. Ao se analisarem as redes sociais foi possível determinar que os grupos de vizinhos conhecidos correspondem a moradores na mesma rua e muitas vezes dos alojamentos mais próximos, pelo que esta comprovada a existência de traços comuns entre si. Foi também possível identificar no estudo, e independente da classe social dos moradores, que alguns recorrem à sua família quando se trata de pedir ajuda informal, outros recorrem aos vizinhos.

Assim, de entre uma enorme diversidade de informações teóricas apresentadas neste estudo, é possível verificar que estas se aplicam e são possíveis de ainda serem encontradas nos bairros da atualidade, através do trabalho empírico.

Para a elaboração deste estudo surgiram algumas dificuldades, a nível de desenho do trabalho, como a delimitação das hipóteses, critérios e variáveis, assim como a escolha dos autores em quem basear a pesquisa teórica. Posteriormente surgiram dificuldades na construção do objeto de recolha dos dados e quais as variáveis e informações que mais se adequavam ao estudo. Depois surgiram também dificuldades na aplicação e execução da recolha de dados, na medida em que a discente começou a ter dúvidas sobre o trabalho elaborado até então e o tornou a reformular, de forma a corresponder mais às suas capacidades e objetivos. Aquando foi tempo de começar a analisar os dados, também surgiram dificuldades na escolha das variáveis que realmente eram importantes para o estudo e qual a melhor forma de as apresentar aos leitores e avaliadores. Na globalidade existiu imenso trabalho de preparação, planificação, execução, análise e avaliação, que tornaram esta dissertação pertinente para a discente e para a sociedade comunitária e académica.

Depois de fazer um levantamento das necessidades e potencialidades deste bairro em questão, sugere-se, num trabalho futuro, o empreendimento de mais estudos aprofundados, sobre por exemplo o bairro em si como uma unidade e não tão especificamente os moradores que nele habitam, e atividades junto dos moradores de forma a fomentar relações de coesão e partilha de informações, através por exemplo de celebrações a nível comunitário, sessões de troca e partilha de habilidades e atividades intergeracionais. O objetivo deste trabalho conjunto seria melhorar os níveis de segurança e confiança entre os moradores, unificar o bairro e alertar para as situações de carência e/ ou dificuldades dos moradores.

BIBLIOGRAFIA

ARGYLE, Michael (1994) *The psychology of social class*, Routledge, New York

BULMER, Martin (1986) *Neighbours: the work of Paul Abrams*, Press Syndicate of the University of Cambridge, Australia

FRAGOSO, António, s.a, “Investigando em rede no desenvolvimento de casos: um estudo de casos”, *Vº Congresso Português de Sociologia*

Disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4616db1133464_1.pdf

GUERRA, Isabel Carvalho (2007) *Fundamentos e processos de uma sociologia de ação. O planeamento em Ciências Sociais*, Principia, Cascais

GUERRA, Isabel Carvalho (2008) *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo*, Principia, Cascais

GREENWOOD, Ernest (1965) “Métodos de investigação empírica em sociologia”, *Análise Social*, III, (11), pp. 313-345

Disponível em:

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224164262K2IAE9wd1Ui39AM8.pdf>

LEMIEUX, Vincent (2008) *Análise das redes sociais*, Edições Piaget, Lisboa

LOPES, João Teixeira (1998) *Sociabilidade e consumos culturais: contributos para uma sociologia da fruição cultural*, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Porto

Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1456.pdf>

MARTINHO, Cássio (2011) “Morfolgia de rede e ação social”, em MARTINHO, Cássio, et al (2011) *Vida em rede: conexões, relacionamentos e caminhos para uma nova sociedade*, Instituto C&A, Barueri, São Paulo

PRATES, António Augusto Pereira (2009) “Redes sociais em comunidades de baixa renda: os efeitos diferenciais dos laços fracos e dos laços fortes”, *Revista de Administração pública*, Rio de Janeiro

QUIVY, Raymond e LucVan CAMPENHOUDT (2008) *Manual de investigação em ciências sociais*, Gradiva, Lisboa

SARMENTO, Manuela (2008) *Guia prático sobre a metodologia científica para a elaboração, escrita e apresentação de teses de Doutoramento, dissertações de Mestrado e Trabalhos de Investigação Aplicada*, Coleção Manuais, Universidade Lusíada de Lisboa

STONE, Wendy (2000a) *Measuring social capital: Towards a theoretically informed measurement framework for researching social capital in family and community life*, Australian Institute of Family Studies, Melbourne

STONE, Wendy (2000b) “Social capital, social cohesion and social security”, *Social security in the global village*, the Year 2000 International Research Conference on Social Security, Helsinki

Disponível em: <http://www.issa.int/pdf/helsinki2000/topic4/2stone.pdf>

TEIXEIRA, Elaine Juncken (2005) *Juventude pobre, participação e redes de sociabilidade na construção do projeto de vida*, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Rio de Janeiro

Disponível em: http://teses.ufrj.br/ip_m/elainejunckenteixeira.pdf

WELLMAN, Barry (1979) *Networks, neighborhood and community: approaches to the study of the community question*, Center of Urban and Community Studies, University of Toronto

Disponível em: <http://homes.chass.utoronto.ca/~wellman/publications/index.html>

WELLMAN, Barry (1999) *Networks in the global village: life in contemporary communities*, Westview Press, USA

WELLMAN, Barry (2001) *The persistence and transformation of community: from neighborhood groups to social networks*, Wellman Associates

Disponível em: <http://homes.chass.utoronto.ca/~wellman/publications/index.html>

WELLMAN, Barry (2007) *The network is personal: introduction to a special issue of social networks*, NetLab, University of Toronto

Disponível em: <http://homes.chass.utoronto.ca/~wellman/publications/index.html>

WELLMAN, Barry (2009) *Personal communities: the world according to me*, NetLab, University of Toronto

Disponível em: <http://homes.chass.utoronto.ca/~wellman/publications/index.html>

ANEXOS

ANEXO A – Questionário de Reconhecimento

Sou aluna do segundo ano do Mestrado de Família e Sociedade no ISCTE-IUL. Venho por este meio solicitar a participação da sua família neste estudo sobre Redes de Sociabilidade e Entrejuda a nível local. Os dados serão anónimos e com incidência e pertinência apenas para o estudo realizado. Por vizinho é entendido neste estudo, como toda e qualquer pessoa que habite dentro dos limites internos do Bairro da Fonte.

Utilize as bolas para colocar números ou cruces e as linhas contínuas para a escrita.

INFORMAÇÃO PESSOAL	
1. Ano de nascimento.....	<input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/>
2. Sexo	
01. Masculino....	<input type="radio"/>
02. Feminino....	<input type="radio"/>
3. Qual é o seu estado civil legal?	
Solteiro.....	<input type="radio"/> 01
Casado.....	<input type="radio"/> 02
Separado, mas legalmente casado.....	<input type="radio"/> 03
Divorciado.....	<input type="radio"/> 04
Víuvo.....	<input type="radio"/> 05
4. Naturalidade (Região)	
Entre douro e Minho.....	<input type="radio"/> 01
Trás-os-Montes e Alto Minho.....	<input type="radio"/> 02
Beira Litoral.....	<input type="radio"/> 03
Beira Interior.....	<input type="radio"/> 04
Estremadura e Ribatejo.....	<input type="radio"/> 05
Lisboa e Setúbal.....	<input type="radio"/> 06
Alentejo.....	<input type="radio"/> 07
Algarve.....	<input type="radio"/> 08
Estrangeira.....	<input type="radio"/> 09
5. Tem nacionalidade Portuguesa?	
01. Sim.....	<input type="radio"/>
02. Não.....	<input type="radio"/>
6. Nível de ensino mais elevado e completo	
Nenhum.....	<input type="radio"/> 01
Ensino Básico.....	<input type="radio"/> 02
Ensino Secundário.....	<input type="radio"/> 03
Ensino Superior.....	<input type="radio"/> 04
7. Qual a sua situação laboral?	
Desempregado.....	<input type="radio"/> 01
Reformado.....	<input type="radio"/> 02
Estudante.....	<input type="radio"/> 03
Trabalhador.....	<input type="radio"/> 04
Nenhum.....	<input type="radio"/> 05
8. Profissão	
.....	
.....	01
9. Número de horas semanais dedicadas ao trabalho	
< 20.....	<input type="radio"/> 01
De 21 a 44.....	<input type="radio"/> 02
45 ou mais.....	<input type="radio"/> 03
10. Número de membros no agregado familiar	
.....	<input type="text"/> <input type="text"/> 01

11. Onde vivem os seus familiares mais próximos?

(Região)

Entre douro e Minho..... 01

Trás-os-Montes e Alto Minho..... 02

Beira Litoral..... 03

Beira Interior..... 04

Estremadura e Ribatejo..... 05

Lisboa e Setúbal..... 06

Alentejo..... 07

Algarve..... 08

Estrangeira..... 09

12. Com que frequência se veem/ estão juntos?

Todos os dias..... 01

Todas as semanas..... 02

Todos os meses..... 03

De 6 em 6 meses..... 04

Todos os anos..... 05

INFORMAÇÃO DE ANTERIORES
RESIDÊNCIAS

13. Sempre residiu nesta habitação?

01. Sim..... 02. Não.....

→Passe à questão 20

14. Se não, há quantos anos reside na morada atual

..... 01

15. Antes de residir na atual habitação, onde morava? (Região)

Entre douro e Minho..... 01

Trás-os-Montes e Alto Minho..... 02

Beira Litoral..... 03

Beira Interior..... 04

Estremadura e Ribatejo..... 05

Lisboa e Setúbal..... 06

Alentejo..... 07

Algarve..... 08

Estrangeira..... 09

16. Quantos foram os anos vividos nessa anterior
residência?..... 01

17. Numa estimativa, quantos vizinhos
conhecia?..... 01

18. Qual era o tipo de comunicação
predominantemente utilizado?

Formal..... 01

Informal..... 02

19. Que padrão de relacionamento mantinham?

Hostil ou conflituosa..... 01

Amigável ou afectuosa..... 02

INFORMAÇÃO DOS ACTUAIS VIZINHOS

20. Porque decidiu morar neste bairro?

..... 01

21. Quantos vizinhos conhece?

Nenhum..... 01

De 1 a 25..... 02

De 26 a 74..... 03

Mais de 75..... 04

22. Quantos deles conhece pessoalmente?

..... 01

23. Com que frequência se encontram na
semana?

Nenhuma..... 01

Até 2 vezes..... 02

Até 5 vezes..... 03

Todos os dias..... 04

24. Qual o tipo de comunicação predominantemente utilizado?

- Formal 01
 Informal 02

25. Qual é o padrão de relacionamento que mantêm?

- Hostil ou Conflituoso 01
 Amigável ou Afectuosa 02

26. Se tivesse algum problema, ou estivesse aborrecido com algo, e precisasse de apoio informal, onde ou a quem se dirigia?

- Família 01
 Vizinhos 02
 Serviços Públicos 03
 Ninguém 04

27. Com que frequência empresta ou pede emprestado objectos aos seus vizinhos?

- Nenhum 01
 Todos os dias 02
 Todas as semanas 03
 Todos os meses 04

28. Fez, no último ano, alguma destas tarefas aos seus vizinhos? (de forma gratuita)

- Cuidar de crianças, idosos ou doentes 01
 Cuidar de animais 02
 Fazer compras 03
 Limpar ou tratar da casa 04
 Transporte ou acompanhamento 05
 Ajudar na leitura de documentos 06
 Cuidar da casa em tempo de férias... 07
 Reparações 08
 Nenhum 09

ACTIVIDADES PRATICADAS COM OS VIZINHOS

29. Costuma conviver informal/ formalmente com os seus vizinhos?

01. Sim 02. Não

30. Que tipo de atividades partilham?

- Culturais 01
 Desportivas 02
 Lazer 03
 Festivas 04
 Sociais 05
 Religiosas 06
 Nenhumas 07

31. Com que frequência as realizam?

- Todos os dias 01
 Todas as semanas 02
 Todos os meses 03
 Todos os anos 04
 Nunca 05

32. Costuma conviver com os seus vizinhos:

- 01 Na sua casa 02 Na deles
 Outro. Qual: _____ 03

33. Na última semana, quantas conversas telefónicas teve com os seus vizinhos?

- 01

34. Se não, qual os motivo principal?

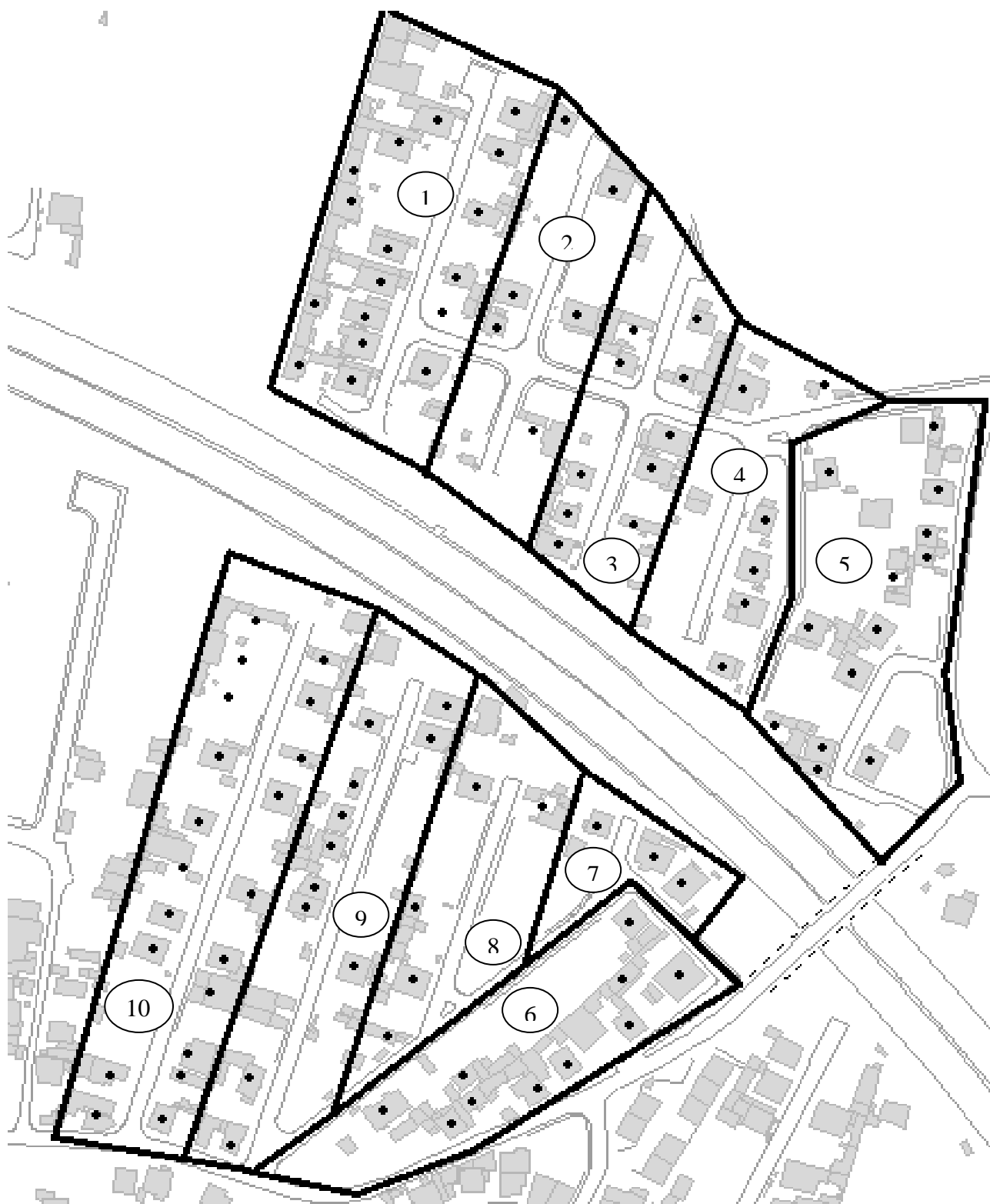
- _____

 _____ 01

Obrigada pela colaboração!

_____/_____/_____

Para finalizar o questionário solicita-se que olhando para o mapa, e identificando a sua casa como a que aparece rodeada com um círculo de cor, identifique as restantes casas dos vizinhos com quem mantém uma relação amigável com uma frequência de contacto semanal igual ou superior a 3 vezes.



Obrigado pela disponibilidade!

ANEXO B – Base de Dados do SPSS

ano.nas	sexo	est.civil	nat.f	nac.port	niv.edu	prof	sit.trab	hors.trab	agreg.fam	incap	inc.parent	inc.ver	inc.ouvir	inc.andar
1970	2	2	6	1	4	1	4	2	6	2	6	3	3	3
1943	1	2	6	1	2	7	2	4	2	2	6	3	3	3
1978	2	1	6	1	4	2	4	2	1	2	6	3	3	3
1935	1	5	2	1	2	7	2	4	1	2	6	3	3	3
1978	2	1	6	1	3	7	1	4	3	2	6	3	3	3
1980	2	2	6	1	4	3	4	2	2	2	6	3	3	3
1976	2	2	6	1	3	5	4	2	4	2	6	3	3	3
1972	1	2	6	1	3	4	4	2	3	2	6	3	3	3
1945	2	2	6	1	3	7	2	4	2	2	6	3	3	3
1963	1	2	6	1	2	2	4	2	5	2	6	3	3	3
1949	1	2	6	1	2	7	2	4	3	2	6	3	3	3
1935	1	2	3	1	1	7	2	4	2	2	6	3	3	3
1952	2	2	6	1	3	5	4	1	3	2	6	3	3	3
1953	2	4	6	1	4	2	4	2	1	2	6	3	3	3
1954	1	2	6	1	3	7	2	4	4	2	6	3	3	3
1922	1	5	7	1	1	7	2	4	1	1	5	3	3	1
1944	1	2	5	1	2	7	2	4	3	1	2	3	1	3
1985	2	5	7	1	1	7	2	4	1	2	6	3	3	3
1936	1	1	6	1	3	4	4	3	2	2	6	3	3	3
1960	1	2	6	1	3	4	4	2	4	2	6	3	3	3
1934	1	2	8	1	1	7	2	4	2	1	2	1	3	3
1959	2	2	8	1	2	3	4	2	4	2	6	3	3	3
1965	2	1	6	1	4	6	4	3	1	2	6	3	3	3
1947	2	2	5	1	2	3	4	1	2	2	6	3	3	3
1952	1	2	3	1	2	4	4	2	3	2	6	3	3	3
1948	2	5	1	1	2	7	2	4	1	2	6	3	3	3
1928	1	2	7	1	2	7	2	4	3	2	6	3	3	3
1950	2	2	4	1	3	5	4	3	5	1	1	3	3	1
1983	2	1	6	1	4	6	4	3	1	2	6	3	3	3
1940	2	5	9	1	2	7	2	4	2	2	6	3	3	3
1965	1	2	6	1	3	5	4	2	4	2	6	3	3	3
1965	1	2	7	1	3	4	4	3	4	2	6	3	3	3
1941	1	2	7	1	2	7	2	4	2	2	6	3	3	3
1972	1	2	7	1	3	5	4	3	4	2	6	3	3	3
1941	1	2	6	1	2	7	2	4	2	1	2	3	3	3
1947	2	2	7	1	2	7	2	4	2	2	6	3	3	3
1960	1	1	8	1	3	7	1	4	1	1	5	1	3	1
1961	2	2	6	1	3	3	4	2	4	2	6	3	3	3
1990	1	1	6	1	3	5	4	2	4	2	6	3	3	3
1941	1	2	5	1	2	7	2	4	3	2	6	3	3	3
1940	2	1	5	1	2	7	2	4	3	2	6	3	3	3
1960	2	1	4	1	2	3	4	1	2	2	6	3	3	3
1975	1	1	6	1	3	5	4	2	3	2	6	3	3	3
1973	1	2	9	1	2	7	2	4	2	2	6	3	3	3
1983	2	1	3	1	3	3	4	2	3	2	6	3	3	3
1993	1	1	6	1	2	7	3	4	3	2	6	3	3	3
1969	2	3	10	2	2	7	1	4	2	2	6	3	3	3
1960	2	2	5	1	2	7	5	4	2	2	6	3	3	3
1963	1	2	6	1	3	1	4	2	2	2	6	3	3	3
1944	1	2	5	1	2	7	2	4	3	2	6	3	3	3
1941	2	2	2	1	2	7	2	4	2	1	5	1	3	3
1932	2	5	4	1	2	7	2	4	4	1	5	3	3	2
1965	2	1	11	1	2	5	4	2	1	2	6	3	3	3
1940	1	2	7	1	2	7	2	4	2	2	6	3	3	3
1964	2	2	6	1	2	5	4	2	5	2	6	3	3	3
1962	2	2	6	1	2	5	4	2	5	2	6	3	3	3

ANEXO B – Base de Dados do SPSS

1931	1	2	5	1	2	7	2	4	2	1	2	3	2	3
1943	1	2	4	1	2	7	2	4	2	2	6	3	3	3
1940	2	1	5	1	1	7	2	4	1	2	6	3	3	3
1960	2	2	5	1	2	7	1	4	2	2	6	3	3	3
1975	2	2	6	1	2	7	1	4	4	2	6	3	3	3
1956	2	2	7	1	2	3	4	1	4	2	6	3	3	3
1963	2	2	6	1	3	2	4	2	5	2	6	3	3	3
1966	1	1	9	2	1	7	1	4	1	2	6	3	3	3
1975	2	2	6	1	3	7	5	4	4	2	6	3	3	3
1946	1	2	5	1	2	7	2	4	2	2	6	3	3	3
1971	2	2	7	1	2	3	4	2	5	2	6	3	3	3
1939	1	2	7	1	2	7	2	4	2	1	1	3	3	2
1950	1	2	4	1	2	7	2	4	5	2	6	3	3	3
1955	1	2	3	1	2	7	2	4	2	1	2	3	3	3
1982	2	2	6	1	3	1	4	2	3	2	6	3	3	3
1985	1	1	6	1	3	4	4	2	2	1	4	3	3	3
1932	2	5	2	1	2	7	2	4	1	2	6	3	3	3
1942	1	1	6	1	2	7	2	4	1	2	6	3	3	3
1957	1	2	5	1	2	5	4	2	4	2	6	3	3	3
1965	1	2	5	1	3	5	4	2	5	2	6	3	3	3
1980	1	2	6	1	3	8	4	2	3	2	6	3	3	3
1982	1	2	6	1	3	9	4	3	3	2	6	3	3	3
1960	2	2	6	1	3	2	4	2	4	2	6	3	3	3
1971	2	2	6	1	3	2	4	2	4	2	6	3	3	3
1937	1	5	1	1	2	7	2	4	2	2	6	3	3	3
1970	2	2	6	1	3	7	1	4	6	2	6	3	3	3
1939	2	2	2	1	2	7	2	4	2	2	6	3	3	3
1958	2	2	1	1	2	5	4	2	4	2	6	3	3	3
1978	2	2	6	1	4	8	4	2	3	2	6	3	3	3
1950	2	1	6	1	2	7	2	4	1	2	6	3	3	3
1947	2	1	6	1	3	7	2	4	1	2	6	3	3	3
1930	1	2	2	1	3	7	2	4	2	2	6	3	3	3
1968	2	2	6	1	3	6	4	2	4	2	6	3	3	3
1975	2	2	6	1	2	5	4	2	7	2	6	3	3	3
1977	1	1	6	1	2	4	4	2	2	2	6	3	3	3
1949	2	2	1	1	2	7	2	4	2	2	6	3	3	3
1955	1	2	6	1	2	4	4	2	3	2	6	3	3	3
1955	2	5	3	1	3	7	2	4	1	2	6	3	3	3
1949	2	5	4	1	2	5	4	3	2	2	6	3	3	3
1964	2	2	9	1	3	6	4	2	4	2	6	3	3	3
1947	1	2	2	1	3	7	2	4	2	2	6	3	3	3
1970	2	2	9	1	3	6	4	2	4	2	6	3	3	3
1975	2	2	6	1	2	2	4	2	3	2	6	3	3	3
1973	2	5	6	1	2	5	4	2	3	2	6	3	3	3
1949	2	2	5	1	3	7	2	4	3	2	6	3	3	3
1943	2	2	1	1	3	7	2	4	2	2	6	3	3	3
1969	1	2	7	1	3	5	4	2	2	2	6	3	3	3
1970	2	2	6	1	4	5	4	2	5	2	6	3	3	3
1984	2	1	6	1	2	5	4	2	2	2	6	3	3	3
1982	2	1	6	1	4	6	4	2	2	2	6	3	3	3
1945	1	2	5	1	2	7	2	4	2	2	6	3	3	3

inc.vest	inc.memo	inc.orient	inc.comp	fam.f	fam.freq	hab	mor.act	mor.ant.f	mor.ant.anos	mor.ant.viz	mor.ant.com	mor.ant.rel
3	3	3	3	6	2	2	6	2	7	3	2	2
3	3	3	3	6	2	2	5	6	2	5	2	2
3	3	3	3	6	2	1						
3	3	3	3	6	3	2	12	2	43	50	1	2
3	3	3	3	6	1	1						
3	3	3	3	6	1	1						
3	3	3	3	6	1	1						
3	3	3	3	6	2	2	12	6	2	10	1	2

ANEXO B – Base de Dados do SPSS

3	3	3	3	6	2	1						
3	3	3	3	6	2	2	23	6	5	5	1	2
3	3	3	3	6	3	1						
3	3	3	3	6	2	1						
3	3	3	3	6	1	1						
3	3	3	3	6	2	1						
3	3	3	3	6	5	2	11	6	18	25	2	2
3	3	3	3	6	5	1						
3	3	3	3	5	5	1						
3	3	3	3	6	2	2	3	6	24	10	2	2
3	3	3	3	6	3	2	7	6	40	10	1	2
3	3	3	3	6	1	1						
3	3	3	3	6	3	1						
3	3	3	3	6	2	2	20	6	3	10	1	2
3	3	3	3	6	3	2	7	5	10	5	1	2
3	3	3	3	7	4	2	24	6	14	5	1	2
3	3	3	3	6	2	2	1	6	21	12	1	1
3	3	3	3	6	2	2	15	6	9	30	1	2
3	3	3	3	6	2	2	52	7	25	100	2	2
1	1	1	3	6	2	2	23	6	5	17	2	2
3	3	3	3	6	1	2	4	6	23	5	2	2
3	3	3	3	6	1	2	22	6	15	70	2	2
3	3	3	3	6	1	1						
3	3	3	3	6	1	2	21	1	9	16	1	2
3	3	3	3	6	1	2	21	6	9	10	1	2
3	3	3	3	6	1	1						
1	3	3	3	6	2	2	25	6	10	30	1	1
3	3	3	3	6	1	1						
1	3	3	3	6	2	2	22	6	30	99	2	2
3	3	3	3	6	2	2	10	6	5	20	1	2
3	3	3	3	6	2	1						
3	3	3	3	6	2	1						
3	3	3	3	5	5	2	19	6	12	2	1	2
3	3	3	3	6	2	2	20	6	5	2	2	2
3	3	3	3	6	1	1						
3	3	3	3	6	1	2	35	6	27	4	1	2
3	3	3	3	6	1	2	4	6	22	20	1	2
3	3	3	3	6	1	2	9	6	3	5	2	2
3	3	3	3	9	4	2	3	10	12	15	2	2
3	3	3	3	6	1	2	23	6	15	20	1	2
3	3	3	3	6	2	2	12	6	7	5	1	2
3	3	3	3	6	2	2	35	6	9	12	1	2
3	3	3	3	6	1	1						
3	3	3	3	6	1	2	44	6	10	25	1	2
3	3	3	3	6	5	2	10	11	35	50	2	2
3	3	3	3	6	1	2	36	6	7	10	1	2
3	3	3	3	6	2	1						
3	3	3	3	6	3	1						
3	3	3	3	6	1	2	55	5	5	20	1	2
3	3	3	3	6	2	2	27	6	10	10	2	2
3	3	3	3	6	1	2	20	6	30	30	2	2
3	3	3	3	6	1	2	28	6	1	15	1	2
3	3	3	3	6	2	2	12	6	2	3	1	2
3	3	3	3	6	3	2	24	6	10	15	1	2
3	3	3	3	6	2	2	26	6	20	20	1	2
3	3	3	3	6	2	2	25	6	5	10	1	2
3	3	3	3	6	1	1						
3	3	3	3	6	2	2	10	6	20	20	1	2
3	3	3	3	6	2	2	17	6	3	5	2	2
3	3	3	3	6	1	2	30	6	10	7	1	2
3	3	3	3	6	1	2	40	6	10	5	1	2

VII

ANEXO B – Base de Dados do SPSS

3	2	3	3	6	1	2	42	6	5	50	1	2
3	3	3	3	6	2	2	10	6	5	20	1	2
3	2	2	3	6	1	2	4	6	23	10	1	2
3	3	3	3	6	2	2	45	6	10	50	1	2
3	3	3	3	6	5	2	30	6	10	10	1	2
3	3	3	3	6	1	2	30	6	5	10	1	2
3	3	3	3	6	1	2	30	6	2	5	1	2
3	3	3	3	6	2	2	4	6	20	20	2	2
3	3	3	3	6	2	2	1	6	20	15	2	2
3	3	3	3	6	2	2	23	6	5	10	1	2
3	3	3	3	6	2	2	15	6	10	10	1	2
3	3	3	3	6	2	2	29	6	12	5	2	2
3	3	3	3	6	1	2	17	6	3	5	1	2
3	3	3	3	6	1	2	35	2	9	9	2	2
3	3	3	3	6	1	2	7	6	10	20	1	2
3	3	3	3	6	2	2	3	6	5	10	1	2
3	3	3	3	6	1	2	40	6	5	10	1	2
3	3	3	3	6	1	2	40	6	2	9	1	2
3	3	3	3	6	1	2	50	6	5	50	1	2
3	3	3	3	6	1	2	15	6	6	4	1	2
3	3	3	3	6	2	2	5	6	7	10	1	2
3	3	3	3	6	3	2	7	6	1	3	1	2
3	3	3	3	6	2	2	39	6	10	15	1	2
3	3	3	3	6	2	2	22	6	5	8	2	2
3	3	3	3	6	1	2	45	3	10	5	1	2
3	3	3	3	6	2	2	30	6	12	30	1	2
3	3	3	3	6	1	2	12	6	7	10	1	2
3	3	3	3	6	1	2	32	6	15	50	2	2
3	3	3	3	6	2	2	6	6	3	10	1	2
3	3	3	3	6	2	2	3	6	7	5	1	2
3	3	3	3	6	2	2	30	5	10	10	1	2
3	3	3	3	6	1	2	10	6	7	15	1	2
3	3	3	3	6	1	2	35	6	3	15	1	2
3	3	3	3	6	1	2	17	6	15	10	1	2
3	3	3	3	6	1	1						
3	3	3	3	6	1	1						
3	3	3	3	6	1	2	10	6	3	5	2	2
3	3	3	3	6	2	2	30	6	10	6	1	2

decs.bair	viz	viz.pess	viz.freq	viz.com	viz.rel	viz.prob	viz.empr	viz.taref	viz.conv	viz.act	viz.act.f	viz.conv.c	viz.telf	viz.mot
1	2	1	2	2	2	3	1	8	2	7	5	4	0	1
2	2	5	3	2	2	2	1	8	1	3	2	3	0	
1	2	3	2	1	2	1	4	8	1	6	1	3	5	
3	2	20	2	1	2	1	1	8	2	7	5	4	0	2
1	2	3	4	2	2	1	3	1	1	3	2	1	3	
1	2	4	4	2	2	1	2	1	1	3	2	1	0	
1	2	2	4	2	2	1	4	1	1	3	2	1	1	
2	2	6	3	2	2	1	1	8	2	7	5	4	0	1
1	2	5	4	1	2	2	1	8	1	5	2	3	0	
3	2	6	2	1	2	1	4	8	1	6	2	3	0	
2	4	15	4	1	2	2	4	8	1	3	1	3	0	
1	2	5	4	2	2	1	1	8	1	3	2	3	0	
1	3	3	4	1	2	2	4	8	1	3	2	3	0	
5	2	2	2	1	2	1	1	8	2	7	5	4	0	2
3	2	3	4	1	2	1	1	7	1	3	4	3	0	
1	2	3	4	1	2	2	1	8	1	5	2	3	0	
1	2	1	4	1	2	1	1	8	2	7	5	4	0	2
2	2	1	2	2	2	1	1	8	2	7	5	4	0	1
4	3	1	4	2	2	1	4	8	1	3	3	2	1	
1	3	10	4	2	2	2	1	7	1	3	2	1	0	
1	3	25	4	2	2	2	1	8	1	3	1	3	0	

VIII

ANEXO B – Base de Dados do SPSS

1	2	15	4	1	2	2	1	8	1	3	1	3	0	
2	2	0	1	1	2	1	1	8	2	7	5	4	0	1
1	3	15	4	1	2	2	1	2	1	6	3	3	0	
2	2	3	3	2	2	2	4	9	1	5	1	3	0	
2	2	10	4	1	2	1	1	4	1	6	2	3	4	
3	3	20	2	2	2	2	1	8	1	3	1	1	0	
1	4	35	3	2	2	1	4	5	1	2	2	1	4	
2	4	3	2	1	2	1	1	1	2	7	5	4	0	1
1	3	25	3	2	2	1	1	8	1	2	1	1	0	
1	3	20	4	1	2	1	1	8	1	3	2	3	0	
1	2	23	3	1	2	1	1	8	2	7	5	4	0	2
1	2	12	3	1	2	1	1	8	2	7	5	4	0	2
1	3	10	4	22	2	1	1	5	1	5	2	1	2	
1	2	4	4	1	2	1	1	8	1	3	2	3	0	
1	2	3	4	1	2	1	4	1	1	3	2	3	0	
1	2	10	3	2	2	2	4	6	1	5	2	1	3	
1	2	4	2	2	2	1	1	8	1	5	2	3	0	
3	2	10	3	2	2	1	1	8	1	3	2	3	4	
1	3	30	4	1	2	2	4	4	1	5	2	3	0	
2	2	10	4	2	2	4	4	8	2	7	5	4	0	2
1	4	35	4	2	2	2	4	3	1	5	2	3	0	
1	2	7	3	1	2	1	1	8	2	7	5	4	0	1
1	2	10	3	1	2	1	3	1	1	2	2	3	0	
1	2	11	4	1	2	1	1	5	1	1	1	3	0	
2	2	5	4	2	2	2	1	8	1	6	2	3	0	
2	2	5	4	2	2	2	3	8	2	7	5	4	0	2
1	3	6	4	1	2	2	1	8	1	2	2	3	1	
1	2	7	2	1	2	1	1	8	1	3	2	3	0	
1	2	12	2	2	2	2	1	5	1	6	2	3	0	
1	2	3	1	1	2	1	1	8	1	5	1	3	0	
1	2	5	2	1	2	1	1	8	1	5	2	1	0	
5	2	12	4	2	2	2	1	4	2	7	5	4	0	2
1	2	10	4	1	2	1	1	1	1	3	1	1	0	
1	2	4	2	2	2	2	1	3	1	5	2	3	0	
1	2	3	2	1	2	1	3	1	2	7	5	4	2	1
1	2	5	4	1	2	1	3	8	2	7	5	4	2	2
1	3	1	3	2	2	1	1	8	1	5	1	3	0	
1	2	10	4	2	2	2	1	1	2	7	5	4	0	2
1	2	18	4	1	2	1	1	8	2	7	5	4	0	2
1	2	10	1	1	2	2	1	8	2	7	5	4	0	2
1	2	18	2	1	2	2	4	7	1	5	2	3	3	
1	2	10	2	1	2	1	4	7	1	5	2	3	0	
1	2	0	1	1	2	4	1	8	2	7	5	4	0	2
1	2	5	4	2	2	1	2	8	1	3	1	1	4	
1	3	12	4	2	2	2	1	8	1	3	2	3	0	
1	2	10	4	2	2	1	4	1	1	5	1	1	3	
1	4	75	4	2	2	1	1	1	1	3	3	1	0	
1	2	10	4	1	2	2	2	1	1	3	1	3	0	
1	3	25	3	1	2	1	2	1	1	3	1	3	0	
2	2	3	2	1	2	1	1	8	2	7	5	4	0	1
6	2	6	2	1	2	1	1	1	2	7	5	4	0	1
1	2	5	4	1	2	2	2	8	1	3	2	3	0	
1	2	1	3	1	2	2	1	8	1	3	2	3	0	
1	2	5	2	1	2	1	1	8	2	7	5	4	0	2
1	2	3	2	1	2	1	1	8	2	7	5	4	0	2
2	2	5	2	1	2	1	1	8	1	3	2	3	0	
2	2	7	2	1	2	2	1	8	1	3	2	1	0	
1	2	3	2	1	2	2	1	8	1	3	3	3	0	
1	2	2	2	1	2	2	1	8	2	7	5	4	0	1
1	2	5	4	1	2	2	2	8	1	3	1	3	0	
1	2	5	3	1	2	1	2	8	1	3	2	3	0	

ANEXO B – Base de Dados do SPSS

1	2	7	4	2	2	2	3	5	1	5	1	1	0	
1	3	5	2	1	2	1	1	8	2	7	5	4	0	2
1	2	8	2	1	2	1	1	8	1	5	2	3	0	
1	2	5	4	1	2	2	2	4	1	2	1	3	4	
1	3	5	4	1	2	2	2	4	1	2	1	3	4	
1	3	25	4	1	2	2	1	1	1	3	1	3	0	
1	3	3	2	1	2	1	1	8	1	5	2	3	0	
2	2	2	2	1	2	1	1	8	2	7	5	4	0	1
1	2	2	2	2	2	1	1	8	2	7	5	4	0	1
1	2	5	4	1	2	1	1	8	1	6	2	3	0	
1	3	4	4	2	2	2	2	5	1	5	2	3	0	
1	2	3	4	2	2	2	2	8	1	2	1	3	2	
1	3	3	2	1	2	1	1	3	2	7	5	4	0	1
2	3	10	2	1	2	1	1	8	1	3	2	3	0	
1	2	3	4	2	2	1	1	2	1	3	1	3	0	
1	2	2	2	1	2	1	1	8	2	7	5	4	0	1
2	2	5	2	1	2	1	1	8	2	7	5	4	0	1
1	2	4	2	1	2	1	1	8	2	7	5	4	0	2
1	2	10	4	1	2	1	2	8	1	3	1	3	2	
1	3	50	3	1	2	1	2	1	1	3	1	1	4	
1	4	3	2	2	2	1	1	8	1	5	1	1	2	
1	2	5	3	1	2	1	2	1	1	3	1	2	3	
1	2	1	2	1	2	1	2	8	2	7	5	4	2	2
1	2	5	3	2	2	2	1	8	1	5	2	3	0	
1	2	10	3	1	1	2	2	3	1	6	2	3	0	

ANEXO C – Análises Complementares

Sexo dos Participantes

		Sexo			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Masculino	48	44,9	44,9	44,9
	Feminino	59	55,1	55,1	100,0
	Total	107	100,0	100,0	

Naturalidade

		Naturalidade. Regiões			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Entre Douro e Minho	5	4,7	4,7	4,7
	Trás-os-Montes e Alto Minho	6	5,6	5,6	10,3
	Beira Litoral	5	4,7	4,7	15,0
	Beira Interior	6	5,6	5,6	20,6
	Estremadura e Ribatejo	14	13,1	13,1	33,6
	Lisboa e Setúbal	49	45,8	45,8	79,4
	Alentejo	12	11,2	11,2	90,7
	Algarve	3	2,8	2,8	93,5
	Angola	5	4,7	4,7	98,1
	Brasil	1	,9	,9	99,1
	França	1	,9	,9	100,0
	Total	107	100,0	100,0	

Nível de Ensino

		Nível de ensino mais elevado e completo			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nenhum	6	5,6	5,6	5,6
	Ensino Básico	54	50,5	50,5	56,1
	Ensino Secundário	38	35,5	35,5	91,6
	Ensino Superior	9	8,4	8,4	100,0
	Total	107	100,0	100,0	

Situação Laboral

Se não trabalha, qual a sua situação laboral

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Desempregado	7	6,5	6,5	6,5
Reformado	43	40,2	40,2	46,7
Estudante	1	,9	,9	47,7
Trabalhador	54	50,5	50,5	98,1
Nenhum	2	1,9	1,9	100,0
Total	107	100,0	100,0	

Número de Horas Laborais

Número de horas semanais dedicadas ao trabalho

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid <20	4	3,7	3,7	3,7
De 21 a 44	42	39,3	39,3	43,0
45 ou mais	8	7,5	7,5	50,5
Nenhuma	53	49,5	49,5	100,0
Total	107	100,0	100,0	

Estado Civil Legal

Qual é o seu estado civil legal

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Solteiro	22	20,6	20,6	20,6
Casado	72	67,3	67,3	87,9
Separado, mas legalmente casado	1	,9	,9	88,8
Divorciado	1	,9	,9	89,7
Viúvo	11	10,3	10,3	100,0
Total	107	100,0	100,0	

Decisão de morada no bairro

Porque decidiu morar neste bairro

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Terreno Próprio	81	75,7	75,7	75,7
Razões económicas	17	15,9	15,9	91,6
Gosto pelo ambiente e paisagem	5	4,7	4,7	96,3
Viuvez	1	,9	,9	97,2
Herança	2	1,9	1,9	99,1
Prestação de cuidados a terceiros	1	,9	,9	100,0
Total	107	100,0	100,0	

Frequência de Contacto com os vizinhos

Com que frequência se encontram na semana

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nenhuma	4	3,7	3,7	3,7
Até 2 vezes	36	33,6	33,6	37,4
Até 5 vezes	19	17,8	17,8	55,1
Todos os dias	48	44,9	44,9	100,0
Total	107	100,0	100,0	

Redes Informais

Se tivesse um problema a quem recorreria

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Família	65	60,7	60,7	60,7
Vizinhos	39	36,4	36,4	97,2
Serviços públicos	1	,9	,9	98,1
Ninguém	2	1,9	1,9	100,0
Total	107	100,0	100,0	

ANEXO D – Curriculum Vitae



Europass- Curriculum Vitae

Informação pessoal

Apelido(s) / Nome(s)
próprio(s)
Morada(s)
Telefone(s)
Correio(s) eletrónico(s)
Nacionalidade
Data de nascimento

Silva, Sara Isabel Alves

Bº da Fonte, Rua Rio Minho, 205, Caparide, 2785-157 São Domingos de Rana, Portugal
+351 96 791 73 92
sara-isabel.silva@hotmail.com
Portugal
14.01.1989



Educação e formação

Datas
Designação da qualificação
atribuída
Principais
disciplinas/competências
profissionais
Nome e tipo da organização
de ensino ou formação
Nível segundo a
classificação nacional ou
internacional

De Setembro de 2011 a Outubro de 2011
Curso de Formação Profissional de Formação Pedagógica Inicial de Formadores (CAP)

- Teorias e processos de aprendizagem
- Métodos e técnicas pedagógicas
- Relação pedagógica e animação de grupos
- Recursos didácticos
- Planificação e avaliação

Nome e tipo da organização
de ensino ou formação
Nível segundo a
classificação nacional ou
internacional

EspiralSoft – Soluções Informáticas, Lda
Rua Rodrigues Sampaio, nº 97, 3º, 1150-279 Lisboa
Telefone: +351 213 158 270 – +351 218 000 566
Fax: +351 213 147 066

5 (Cinco Valores), numa escala de 0 a 5

Datas
Designação da qualificação
atribuída
Principais
disciplinas/competências
profissionais

De Setembro de 2007 a Julho de 2010
Licenciatura em Serviço Social

Domínio geral

- Introdução ao Direito
- Psicologia do Desenvolvimento
- Estatística I, II
- Teorias Sociológicas

Domínio profissional

- Teoria e Metodologia do Serviço Social I, II, III
- Métodos e Técnicas de Investigação I, II
- Política Social I, II, III
- Empreendedorismo e Empregabilidade Social
- Concepção, Gestão e Avaliação de Projectos Sociais
- Ética e Deontologia
- Estágio

Nome e tipo da organização de ensino ou formação	Instituto Superior de Serviço Social – Universidade Lusíada de Lisboa Rua da Junqueira 188-198 1349-001 Lisboa, Portugal Telefone: +351 213 611 500
Nível segundo a classificação nacional ou internacional	13 (Treze valores), numa escala de 0 a 20
Experiência profissional	
Datas	De Abril de 2011 a Setembro de 2011
Função ou cargo ocupado	Operadora de Caixa
Principais actividades e responsabilidades	- Promover o novo serviço do «Compra e siga» - Atendimento ao público - Operação de caixa
Nome e morada do empregador	Modelo Continente Hipermercados, S.A – Continente Tires Avenida Amália Rodrigues 2785-632 S. Domingos de Rana Telefone: +351 21 445 79 20 Fax: +351 21 445 79 33
Tipo de empresa ou sector	Sector alimentar e não alimentar
Datas	De Março de 2011 a Abril de 2011
Função ou cargo ocupado	Recenseadora
Principais actividades e responsabilidades	- Aplicação dos inquéritos dos Censos de 2011 em Caparide, São Domingos de Rana - Abordagem, esclarecimento de dúvidas e auxílio no preenchimento da população
Nome e morada do empregador	INE – Instituto Nacional de Estatística Av. António José de Almeida 1000-043 Lisboa Tel.: + 351 218 426 100 Fax: + 351 218 426 380 E-mail: ine@ine.pt
Tipo de empresa ou sector	Instituto governamental de Estatística
Datas	De Outubro de 2009 a Julho de 2010
Função ou cargo ocupado	Estagiária
Principais actividades e responsabilidades	- Relações directas com os funcionários - Relações directas com os agentes educativos (professores, auxiliares, pais e alunos) - Elaboração de um projecto “Em que medida a acção social escolar favorece a igualdade de oportunidades de sucesso no ensino público? Intervenção ao nível da educação pré-escolar e do 1ºciclo do ensino básico.” Duração mínima de 576 horas, correspondendo a 18 horas semanais.
Nome e morada do empregador	Câmara Municipal de Cascais Praça 5 de Outubro 2754-501 Cascais Telefone Geral: +351 21 482 50 00 – +351 21 481 50 00 Fax.: +351 21 482 51 79
Tipo de empresa ou sector	Departamento de Educação, Divisão da Intervenção Educativa e Acção Social Escolar, Sector da Acção Social Escolar
Aptidões e competências pessoais	
Língua(s) materna(s)	Português
Outra(s) língua(s)	

Auto-avaliação Nível europeu (*)	Compreensão				Conversaço				Escrita	
	Compreensão oral		Leitura		Interacção oral		Produção oral			
Inglês	C2	Utilizador experiente	C2	Utilizador experiente	C1	Utilizador experiente	C1	Utilizador experiente	C1	Utilizador experiente
	(*) Nível do Quadro Europeu Comum de Referência (CECR)									
Aptidões e competências sociais	Espírito de entreaajuda – Adquirido com a formação académica Capacidade de trabalho em equipa – Adquirido com a participação no curso CAP Capacidade de adaptação – Adquirido com a participação no estágio curricular Espírito de relação e comunicação – Adquirido com a participação no estágio curricular e CAP									
Aptidões e competências de organização	Capacidade de organização – Capacidade própria Capacidade de liderança – Adquirido com o CAP Capacidade de coordenação e planeamento – Adquirido com o estágio curricular, formação académica e CAP									
Aptidões e competências informáticas	Domínio do software Office™ (Word™, Excel™ e PowerPoint™) – Adquirido com a formação académica									
Carta de Condução	Carta de Condução da categoria B									
Informação Adicional	Estudante no Mestrado de Família e Sociedade no ISCTE-IUL, em Lisboa									